

Universidade Estadual do Piauí
Sâmya Gomes Marinho de Oliveira
Orientador: Fernando Bagiotto Botton

QUEBRANDO O SILÊNCIO

DIGA NÃO ÀS VIOLÊNCIAS CONTRA AS
MULHERES

MANUAL DIDÁTICO



"A principal tarefa da educação moderna não é somente alfabetizar, mas humanizar criaturas."

Cecília Meireles

APRESENTAÇÃO

Antes de mais nada gostaria de externar meu entusiasmo em apresentar esse Manual Didático e expressar minha felicidade em você, colega professor(a), ter acesso a essa publicação digital. Este material com 20 sequências didáticas e um compilado teórico consiste em uma ferramenta cuidadosamente pensada, construída e divulgada com o objetivo de oferecer apoio pedagógico e didático às/aos professoras/es de História do ensino médio, agentes mediadores decisivos nos processos de ensino-aprendizagem escolar. Aqui você descobrirá um espaço de reflexão, de partilha, de aprendizados múltiplos e de empoderamento feminino. Além de que encontrará rumos viáveis e possíveis para aulas inovadoras, dinâmicas e aprofundadas sobre como usar a disciplina de História para enfrentar às violências contra as mulheres, proporcionando aprendizados significativos aos alunos. Espero que você possa usufruir plenamente junto de mim desse sonho concretizado, utilizando-o de maneira produtiva e enriquecedora a sua prática pedagógica, adaptando-o às suas necessidades e planejamento de suas aulas. Por isso, sinta-se livre para reusar, revisar, remixar, reter e redistribuir, assim como queira.

Boa leitura!

A autora



QUEBRANDO O SILÊNCIO: DIGA NÃO ÀS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES

- 05** Papo de prof
- 06** Orientações para o(a) professor(a)
- 07** Mulheres silenciadas
- 08** O Ensino de História como aliado ao combate às violências contra as mulheres
- 09** Plano da disciplina eletiva
- 13** Sequência de 20 planos de aula
- 34** Para começo de conversa: gênero em pauta
- 37** Feminismo é luta!
- 43** Patriarcado: as raízes históricas da opressão feminina
- 47** Coronelismo: estruturas de poder e suas relações de dominação no Ceará
- 52** Mulheres cearenses: resistência, legado e luta contínua
- 59** Depoimentos das estudantes
- 60** Lista de figuras
- 62** Sobre a autora

PAPO DE PROF

Olá, companheiro(a) de jornada! Tudo bem?
Espero te encontrar em paz!

Chegou a hora de falarmos de igual
para igual sobre um assunto
importante que nos diz respeito.

É necessário desconstruirmos a ideia equivocada e um tanto disseminada de que a profissão docente é um "dom" ou vocação natural que alguns possuem. Nenhum ser humano vem ao mundo sabendo como ensinar ou como lidar com uma sala de aula onde ali estão presentes 30/40 alunos de culturas, gostos, credos e subjetividades diversas. Você deve concordar comigo que esse saber fazer e como fazer são adquiridos ao longo de nossas formações e, principalmente, das experiências práticas no decorrer dos anos pisando no chão da escola. Fruto de muitos erros, tropeços e fracassos. Mas também de muitos acertos e alegrias!

Ensinar implica aprender a ensinar, ou seja, aprender a se comunicar, a mediar conhecimentos, a gerir uma sala de aula e a estar aberto a novas práticas pedagógicas. Ser professor(a) e exercer o magistério não é receita de bolo e não basta seguir um manual de instruções, é preciso de qualificação, resiliência e determinação para ser bom no que faz. Por isso, convido você a olhar para si mesmo, enquanto profissional da educação, e para o mundo com novos olhos, desafiando velhos conceitos, abraçando as possibilidades do desconhecido e se reinventando com as ferramentas que lhes são possíveis à sua volta. Preparados para encarar essa experiência?

QUE SEJAMOS FORTES E RESILIENTES
PARA SEGUIRMOS FIRMES NA MISSÃO DE
EDUCAR SERES HUMANOS!

Figura 1

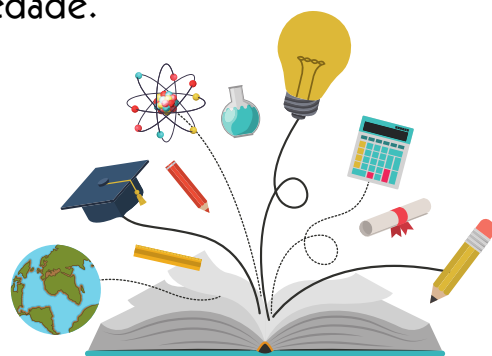
ORIENTAÇÕES PARA O(A) PROFESSOR(A)



A disciplina eletiva “Quebrando o silêncio: diga não às violências contra as mulheres” tem como finalidade apresentar aos alunos conteúdos e temas pertinentes à problemática histórica, com o intuito de ensiná-los a **pensar historicamente** por si próprios. E, por isso, defende uma **linguagem acessível e simples** visando diminuir as barreiras que possam existir entre professor(a) e alunos, permitindo uma comunicação mais eficaz e acolhedora. O principal objetivo pedagógico é promover uma **educação significativa**, que ajude os estudantes a construir uma vida plena de sentido, tendo em vista que estamos lidando com seres humanos plurais e ativos que sentem, reagem e que estão em plena formação. A aprendizagem dos jovens, portanto, é vista como um processo dinâmico e não individual, que precisa envolver a interação com outros sujeitos e com os objetos do conhecimento. É para alcançar esses objetivos é fundamental promover trocas entre a turma e desafios para que eles construam seus próprios conhecimentos; além de considerar como um dos pilares dessa abordagem

as ideias prévias dos alunos em todas as aulas como ponto de partida para a aprendizagem.

Apropriar-se dessas ideias e inseri-las no contexto da sala de aula fortalece o vínculo com os saberes discentes e torna o aprendizado mais significativo. Adotar **metodologias ativas** do campo pedagógico, bem como metodologias próprias da investigação historiográfica também são caminhos considerados dentro das aulas propostas ao longo desse manual. Entende-se que essas práticas proporcionam maior **protagonismo estudantil** e aproximam os estudantes do **ofício do historiador**, como, por exemplo, o trabalho com fontes históricas em sala de aula. Assim, constrói-se um espaço educativo onde os jovens são desafiados a refletir criticamente sobre o passado. Além de buscar romper com os paradigmas opressores e promover uma educação emancipadora e crítica, capaz de reconhecer as mulheres como agentes históricos fundamentais na construção da sociedade.



MULHERES SILENCIADAS



A História, em sua narrativa, currículo e prática educacional, consolidou-se desde suas origens como um campo dominado por homens brancos, heterossexuais e ocidentalizados — sujeitos que personificaram o poder hegemônico nas sociedades modernas. Nesse contexto, as mulheres foram sistematicamente silenciadas e relegadas à invisibilidade, suas trajetórias reduzidas a anotações marginais narradas a partir de uma perspectiva masculina, filtradas pelo imaginário e pelos discursos patriarcais. Esse apagamento não decorre de mero acaso ou falha historiográfica, mas é produto de estruturas de poder eurocêtricas e patriarcais que forjaram um ensino da história excludente. Ao subalternizar as lutas femininas, enquadrando-as à força em paradigmas socialmente aceitáveis, reforçou-se a noção de que as contribuições das mulheres são secundárias, perpetuando assim uma ordem social desigual.

A exclusão de vozes e protagonismos femininos na construção do conhecimento histórico não apenas distorce a realidade coletiva, como também empobrece nossa compreensão crítica do mundo. Essa omissão alimenta visões reducionistas sobre o papel das mulheres nos processos

históricos, estereótipos que desqualificam suas ações e negam a pluralidade de experiências que moldaram as sociedades. Refletir sobre esses silenciamentos demanda ir além da identificação de lacunas: é necessário desvendar como estruturas simbólicas e práticas institucionais convergem para manter as mulheres à margem da narrativa.

Foi apenas a partir da década de 1960, com a pluralização dos objetos de estudo histórico, que as mulheres e outros grupos marginalizados começaram a ser reconhecidos como agentes ativos da História. Surgiu então a "História das Mulheres", campo dedicado a investigar a presença e a agência feminina ao longo do tempo, desafiando os cânones tradicionais. Entretanto, apesar desses avanços acadêmicos, o ensino de história na educação básica brasileira permanece refém de um currículo eurocêntrico, patriarcal e supremacista, que naturaliza hierarquias de poder. Essa abordagem não apenas mascara desigualdades e violências estruturais contra as mulheres, como também reproduz um relato histórico opressor, que insiste em negar a complexidade das experiências femininas.





O ENSINO DE HISTÓRIA COMO ALIADO AO COMBATE AS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES

O Ensino de História é um campo plural e dinâmico, uma prática social transformadora que possibilita a reconstrução crítica do indivíduo por meio da aprendizagem contínua, do questionamento reflexivo e da conexão com as realidades cotidianas dos estudantes. A sala de aula, nesse sentido, é um espaço de descolonização intelectual, de experimentação pedagógica e de diálogo acessível, onde o confronto de perspectivas e a formulação de perguntas provocadoras podem desnaturalizar hierarquias e ressignificar saberes. Mais que um ambiente escolar, é um território de intervenção social.

No contexto brasileiro e cearense, as violências de gênero contra as mulheres revelam-se como feridas históricas entranhadas na formação sociocultural do país. Nada mais estratégico, portanto, do que utilizar o Ensino de História para desconstruir estruturas patriarcais cristalizadas nas mentalidades, desvelar relações de poder internalizadas e questionar práticas violentas naturalizadas contra os corpos femininos. Ainda que o currículo oficial negligencie tais debates, é nosso dever, enquanto docentes, criar fissuras nesse silêncio institucional, elegendo a sala de aula como arena para essas discussões urgentes. A educação permanece a ferramenta mais potente no combate às violências sistêmicas contra as mulheres. Ao adotar uma abordagem

historiográfica inclusiva — que resgate protagonismos femininos, desvele omissões do passado e amplifique narrativas marginalizadas —, o Ensino de História transforma-se em instrumento de resistência e empoderamento. Nas 40 aulas aqui propostas dentro de 20 sequências didáticas, busca-se não apenas romper com os silêncios impostos às mulheres, mas reconhecê-las como agentes ativas na produção de conhecimento e nas lutas por igualdade. Trata-se de um projeto duplo: oferecer às mulheres consciência histórica sobre seus direitos e recursos de proteção, enquanto se engajam homens em diálogos que desmontem masculinidades tóxicas e promovam equidade de gênero.

Como professora e feminista, assumir essa missão pedagógica significou um ato de coerência ética e política: um compromisso com um futuro onde lares, escolas e sociedades não tolerem violências, sejam elas físicas, psicológicas, políticas, simbólicas, sexuais ou patrimoniais. Educar para a humanização é, antes de tudo, recusar a banalização dos feminicídios e das agressões cotidianas que ceifam vidas. Urge assegurar que as mulheres vivam com segurança, liberdade e dignidade, direitos inegociáveis de qualquer ser humano. E isso exige coragem para ensinar além do que está prescrito, criando as bases de um mundo mais justo.



PLANO DA DISCIPLINA ELETIVA

Quebrando o silêncio — Diga não às violências contra as mulheres!

IDENTIFICAÇÃO

Área do conhecimento: Ciências Humanas e Sociais Aplicadas;

Eixo estruturante: Investigação científica;

Carga horária: 40 h/a (adaptável);

Turma: 2º ano (adaptável).

JUSTIFICATIVA

As violências contra as mulheres são um problema estrutural e sistêmico, enraizado em desigualdades de gênero e perpetuado por normas socioculturais. No Brasil e no Ceará, dados alarmantes revelam como as mulheres ainda ocupam uma zona de risco pelo simples fato de serem mulheres, e o feminicídio segue em ascensão. Apesar de avanços legais, a subnotificação e a cultura do silêncio ainda impedem a erradicação dessas violências. Esta disciplina visa combater a naturalização da violência, promover conscientização crítica e histórica e formar agentes de transformação social e multiplicadores capazes de identificar, prevenir e denunciar opressões, contribuindo para uma sociedade antimachista, mais justa e equitativa.

OBJETIVOS

Promover a reflexão crítica sobre as violências de gênero contra as mulheres através da compreensão de suas raízes históricas, desconstruindo as concepções sociais impostas às mulheres, além de contemplar o protagonismo feminino de cearenses na história.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

1. Estimular o pensamento crítico e a desconstrução dos estereótipos de gênero;
2. Identificar as diferentes formas de violências contra as mulheres (física, psicológica, sexual, simbólica, patrimonial, moral e política);
3. Analisar os fatores históricos, culturais e estruturais que perpetuam a violência de gênero contra as mulheres no Brasil e no Ceará;
4. Promover o protagonismo feminino de mulheres cearenses na história;
5. Entender as permanências das violências contra as mulheres na atualidade;
6. Desenvolver estratégias para prevenção e apoio a vítimas.

UNIDADE I – DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO

Como os estereótipos de gênero foram construídos ao longo do tempo nas sociedades ocidentais e como eles perpetuam violências e discriminações contra as mulheres;

DISCUSSÕES: Gênero – Papéis sociais.

UNIDADE II – ASSOCIAÇÃO DO FEMINISMO COM A VIOLÊNCIA DE GÊNERO

Visibilidade ao movimento feminista e aos esforços históricos para combater a violência de gênero, como a luta pelo direito ao voto, pela igualdade no mercado de trabalho e contra a violência doméstica;

DISCUSSÕES: Movimento feminista – Violência de gênero contra as mulheres – Combate.

UNIDADE III – CONSCIENTIZAÇÃO HISTÓRICA SOBRE AS OPRESSÕES E VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES

A História do Brasil revela como as mulheres sempre foram historicamente subordinadas em nossa cultura desde a colonização do território, com suas contribuições e direitos frequentemente negados pelo patriarcado. Compreender esse período ajuda a contextualizar a violência contra as mulheres como parte de um sistema de desigualdade enraizado, incentivando a reflexão sobre a necessidade de mudanças.

DISCUSSÕES: Colonização do Brasil – Patriarcado – História do Ceará – Coronelismo.

UNIDADE IV – VALORIZAÇÃO DAS MULHERES CEARENSES NA HISTÓRIA

Ao destacar figuras femininas que foram importantes em diversos contextos históricos do Ceará, como líderes, intelectuais e ativistas, o Ensino de História pode reforçar a ideia de que as mulheres são agentes de mudança e não vítimas. Isso pode empoderar tanto meninas quanto meninos a respeitar e valorizar as mulheres.

DISCUSSÕES: O papel de cearenses na História Local e Nacional – Bárbara de Alencar – Preta Tia Simoa – Maria da Penha.

UNIDADE V – FOMENTAR A EMPATIA E COMPREENSÃO

Ao analisar casos atuais de violências contra as mulheres no contexto local, o ensino de história pode sensibilizar os alunos para a gravidade e as consequências dessas violações que são presentes até os dias de hoje. Isso pode promover empatia e a conscientização sobre a necessidade de agir para prevenir a violência.

DISCUSSÕES: Violência contra as mulheres no Ceará – Dandara dos Santos – Yanny Brena – Natany Alves.

METODOLOGIA

A disciplina contará com quatro métodos ativos de processo ensino-aprendizagem. São eles: 1. Aulas expositivas-dialogadas com base em leituras e estudos de textos diversos sobre a temática da disciplina; 2. Grupos de discussão e rodas de debates por meio de pesquisas em textos de diferentes suporte e socialização/exposição de apontamentos em sala de aula; 3. Aulas interativas com o uso das Tecnologias da Informação; e 4. Produção de oficinas exigindo a apresentação sobre as temáticas em debate e a produção da culminância final. Essas metodologias ativas tem como foco estimular o desenvolvimento de competências e habilidades que assegurem que os estudantes construam uma visão sobre as relações histórico-sociais, a formação das suas subjetividades, o respeito aos direitos humanos e a compreensão dos processos em que estão imersos na atualidade do Brasil e do Ceará.

RECURSOS DIDÁTICOS

- Notebook;
- Slides;
- Quadro;
- Recursos audiovisuais (Filmes, vídeos, documentários, músicas, podcasts);
- Jogos virtuais e analógicos;
- Material impresso;
- Materiais escolares (papéis, cartolinas, canetinhas);
- Leituras complementares e artigos.

AVALIAÇÃO

Será de caráter diagnóstico, processual e dinâmico os seguintes critérios: 1. Pontualidade, interesse e engajamento dos alunos durante os encontros; 2. Responsabilidade e empenho nas atividades propostas ao longo do curso, assim como no projeto de culminância ao final do semestre, ação essa que promoverá uma cultura de respeito ao outro. O método avaliativo no todo visa estimular aprendizagens envolvendo o pensamento crítico, a autonomia e a formação cidadã. Além da valorização do protagonismo do estudante em diálogo com os saberes, as experiências, os procedimentos de análise e os valores desenvolvidos na área de humanidades como proposto no novo currículo do ensino médio.

*Isso são apenas sugestões, o(a) professor(a) poderá adaptar da forma que achar mais conveniente.

CRONOGRAMA

Aula 1

2h/a

Apresentação
do PLANO DA
DISCIPLINA

Aula 2

2h/a

Discussão
sobre
GÊNERO

Aula 3

2h/a

Discussão
sobre
GÊNERO

Aula 4

2h/a

Discussão
sobre
FEMINISMO

Aula 5

2h/a

Discussão
sobre
FEMINISMO

Aula 6

2h/a

Discussão
sobre
FEMINISMO

Aula 7

2h/a

Discussão
sobre
COLINIZAÇÃO
DO BRASIL

Aula 8

2h/a

Discussão
sobre
PATRIARCADO

Aula 9

2h/a

Discussão
sobre
PATRIARCADO

Aula 10

2h/a

Discussão
sobre
PATRIARCADO

Aula 11

2h/a

Discussão
sobre
COLONIZAÇÃO
DO CEARÁ

Aula 12

2h/a

Discussão
sobre
CORONELISMO

Aula 13

2h/a

Discussão
sobre
CORONELISMO

Aula 14

2h/a

Discussão
sobre
BÁRBARA
DE ALENCAR

Aula 15

2h/a

Discussão
sobre
PRETA TIA
SIMOA

Aula 16

2h/a

Discussão
sobre
MARIA
DA PENHA

Aula 17

2h/a

Discussão
sobre
VIOÊNCIAS
CONTRAS AS
MULHERES

Aula 18

2h/a

Discussão
sobre
VIOÊNCIAS
CONTRAS AS
MULHERES

Aula 19

2h/a

Discussão
sobre
VIOÊNCIAS
CONTRAS AS
MULHERES

Aula 20

2h/a

Finalização das
aulas
-
CULMINÂNCIA

APRESENTAÇÃO DA DISCIPLINA

Para inaugurar a disciplina, apresentá-la é indiscutível!

AULA 1

Tempo previsto
2h/A



Essa aula é de apresentação e retirada de dúvidas sobre a disciplina e as principais orientações para o semestre, por isso, é essencial que o espaço esteja sempre aberto a perguntas e interferências.

OBJETIVO GERAL

Apresentar a disciplina aos(as) alunos(as), contextualizando sua relevância no processo de aprendizagem e desenvolvimento humano, explicando os principais tópicos da ementa, como os objetivos, conteúdos programáticos, metodologia, avaliação e expectativas.

.....

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Para iniciar o encontro, é importante que você, professor(a) crie um ambiente acolhedor, que faça com que as(os) alunas(os) se sintam convidadas(os) a fazer parte desse momento. Para isso, comece cumprimentando e falando sobre você, sua formação e seu interesse pela temática da eletiva. Você pode trazer uma dinâmica de engajamento que é uma ótima opção para "quebrar o gelo", sinta-se a vontade de pensar em uma que se adeque ao clima da sua sala de aula. Em seguida, peça que se apresentem, pergunte-os brevemente sobre suas expectativas com a disciplina, sobre os motivos que as(os) fizeram escolhê-la e faça questionamentos do tipo "o que vocês esperam aprender nestas aulas?".

DESENVOLVIMENTO: Com uso de slides ou de impressões da ementa distribuídas para a turma, explique que a disciplina visa despertar a compreensão histórica das opressões e violências contra as mulheres e construir alternativas de enfrentamento, promovendo uma visão geral do tema central a ser estudado.

Detalhe os componentes mais importantes da ementa tais como os conteúdos da disciplina, os objetivos de aprendizagem, como as aulas serão conduzidas (aulas expositivas, estudos de caso, discussões em grupo) e as formas de avaliações. Enfatize a importância da participação e engajamento ativo de todas(os) durante as aulas, para que possam contribuir com suas ideias, questionamentos e reflexões.

ENCERRAMENTO: Reserve o momento final (+ou- 20 minutos) para solicitar as(aos) alunas(os) que em uma folha ou cartão elaborem uma pergunta reflexiva sobre o que gostariam de aprender ou entender melhor ao longo do curso. A pergunta pode ser sobre o conteúdo da disciplina ou sobre como ela se relaciona com sua formação pessoal ou futura formação profissional. Se o tempo permitir e se a turma sentir-se à vontade, elas(es) podem compartilhar suas perguntas com os demais. Caso contrário, o(a) professor(a) pode recolher os papéis e usar essas informações para guiar a estrutura das próximas aulas, adaptando-se às curiosidades e necessidades surgidas.

DESCOMPLICANDO GÊNERO

Para dar início as aulas esclarecer o conceito de gênero é crucial para a condução das próximas discussões!

AULA 2

Tempo previsto
2h/A



Para essa aula você irá precisar levar para sala de aula cartolinas e pincéis.

OBJETIVO GERAL

Compreender o conceito de gênero, enquanto sistema de organização social, que atribui estereótipos para cada sexo como forma de justificar as desigualdades e as diversas violências, preconceitos e discriminações.

.....

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Inicie a aula lançando a seguinte pergunta norteadora: "Vocês já ouviram alguém dizer: 'isso é coisa de menino' ou 'isso é coisa de menina'? O que isso quer dizer?". Ao escutar as contribuições das(os) alunas(os), diga que irão realizar uma simples atividade em grupo. Peça que se dividam de forma equilibrada em 4 equipes e distribua uma cartolina e pincéis para cada grupo (pode ser + ou - grupos, a depender da quantidade de alunos em sala). Como forma de trabalhar em cima dos conhecimentos prévios e do que conhecem sobre o assunto, peça que em cada cartolina desenhem dois bonecos que possam representar duas pessoas, sendo uma mulher e um homem. Após esse comando, oriente-os a usar suas próprias criatividade e o consenso em equipe e anotar ou desenhar ao redor de cada boneco o que vem a mente quando escutam a palavra mulheres/homens. Explique que podem usar expressões, objetos, profissões, costumes e etc., desde que se associe a meninas e meninos de acordo com suas percepções (disponibilize o tempo de 30 minutos +/- para essa atividade);

DESENVOLVIMENTO: Finalizado esse momento, peça que cada equipe de forma breve apresente suas produções e o que elegeram para representar o que são coisas de meninas e coisas

de meninos. Deixe com que elas(es) explanem seus pontos de vistas, se preciso puxe e problematize suas falas, para que elas(es) possam se aprofundar nessa temática. Ao encerrar as explicações e a partir do que trouxeram, questione-os se concordam com o que colocaram nos cartazes. Pode ter certeza que as opiniões e falas serão as mais diversas possíveis, aproveite desse diálogo para exibir/transcrever a frase de Simone de Beauvoir "Não se nasce mulher, torna-se mulher" e peça que interpretem essa afirmação. Assim você poderá conduzir a discussão acerca do que elas(es) conhecem por gênero. Explique didaticamente com apoio visual de slides ou do próprio quadro, qual a diferença entre sexo biológico e gênero. Tenha em mente que esse assunto pode causar incompreensão, então esteja pronta(o) para conversar com as(os) alunas(os) sobre tal. É necessário deixar claro que gênero é uma construção social e histórica, e que ele é responsável por criar os estereótipos e normas para homens e mulheres na sociedade, como as quais eles apresentaram.

ENCERRAMENTO: Para fechar gerando uma reflexão coletiva explique que os estereótipos de gênero podem gerar desigualdades e opressões na vida real, pois coloca as mulheres em posições de desvantagem, limitando suas liberdades. Explicita a necessidade de todas as pessoas desnaturalizar essas ideias para que possamos ter uma sociedade mais justa e igualitária.

DESCOMPLICANDO GÊNERO

Vamos dar prosseguimento as discussões de gênero, pois ela é uma importante ferramenta de desnaturalização das violências.

AULA 3

Tempo previsto
2h/A



O documentário "Acorda, Raimundo, acorda!" e o curta-metragem "O sonho impossível" são excelentes para discutir didaticamente gênero, papéis sociais e desigualdade.



OBJETIVO GERAL

Refletir sobre como a construção social dos papéis de gênero impactam diretamente os comportamentos e oportunidades das pessoas e como isso se manifestam nas relações do cotidiano.

.....

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Retomando o assunto sobre Gênero, inicie a aula lembrando os debates das aulas anteriores e o que foi estudado e visto. Em seguida, diga que será exibido no data-show dois vídeos curtos: o documentário brasileiro "Acorda, Raimundo, acorda!" (15 min) e o curta-metragem "O sonho impossível" (8 min). Mas antes, sem muitos detalhes sobre o enredo, explique brevemente sobre a produção de cada vídeo e oriente que as(os) alunas(os) observem os comportamentos, papéis atribuídos e sentimentos dos personagens em ambos os vídeos.

DESENVOLVIMENTO: Após as exibições, chegou o momento de gerar discussões e deixar as(os) alunas(os) manifestarem suas percepções. Você também pode instigar o debate questionando sobre "o que vocês acharam sobre a inversão dos papéis entre Raimundo e Marta?", "vocês já viram isso acontecer na vida real, só que ao contrário?", "por que esse mundo invertido causou certo estranhamento?", "qual a crítica social contida no documentário?", "no curta-metragem por que a mãe e a filha fazem todo o trabalho pesado de casa e o pai e o filho descansam e assistem tv?", "porque a mãe sonha

com uma vida diferente da que ela tem?". Abra o espaço para que as(os) estudantes explanem suas respostas e escute com atenção suas falas e considerações. Conforme elas(es) forem levantando pontos pertinentes acerca da temática, você pode aproveitar para contribuir com as ideias.

ENCERRAMENTO: Finalizada as discussões em torno dos vídeos, lance três questões no quadro para que as(os) alunas(os) possam registrar no caderno, refletir e responder.

- O que os dois vídeos têm em comum?
- Como os estereótipos de gênero interferem na vida de cada pessoa e na maneira como ela é tratada?
- O que seria uma sociedade mais justa em relação ao gênero?

Permita que elas(es) reflitam e registrem suas respostas no caderno (disponibilize um tempo de 20 min +/- para essa atividade). Transcorrido o tempo e já próximo de finalizar a aula, faça a correção oral das questões e peça que alguns voluntários compartilhem com a turma suas respostas.

O MOVIMENTO FEMINISTA

Nessa aula vamos combater equívocos comuns e entender a importância histórica do feminismo.



AULA 4

OBJETIVO GERAL

Compreender o conceito de feminismo e sua importância histórica e social; e analisar as principais pautas do movimento.



ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Inicie as aulas disparando as seguintes perguntas norteadoras para ouvir o que as(os) alunas(os) conhecem do assunto. 1. "O que vocês entendem por feminismo?"; 2. "O que esse movimento reivindica?"; 3. "Quem precisa do feminismo?". Instigue a participação da turma e tenha certeza que respostas diversas surgirão até aquelas mais radicais e preconceituosas. Deixe que falem livremente sem interrompê-los.

DESENVOLVIMENTO: Após a troca com alunas(os), você professor(a) fará uma exposição mais teórica sobre o tema, mas procure sempre se manter didática(o) explicando de forma simples. Como a ideia não é se aprofundar no assunto, tendo em vista que há ondas, diversas correntes e vertentes dentro do movimento e isso demandaria mais do que poucas aulas, então a sugestão é que seja feita uma explanação sobre pautas centrais como: sufrágio feminino, "o privado é político" e o combate às violências contra as mulheres. Como pontos de explicação você pode trabalhar com os seguintes:

1. O conceito de feminismo e seu surgimento no século XIX;

2. Breve histórico do movimento

- Sufrágio Feminino: Luta pelo direito ao voto e pelos direitos políticos, usando o exemplo de Bertha Lutz no Brasil na década de 1930, e a história da primeira prefeita eleita por voto direto no Brasil Aldamira Guedes; Explique por que essa pauta que também questionava a inferioridade condicionada às mulheres era importante.
- "O Privado é Político": Explicar o significado dessa pauta que são problemas que acontecem em casa, como divisão de tarefas ou violência doméstica, são questões públicas e nunca problemas privados.

Sugiro que use data-show para exibir imagens históricas do movimento e memes da internet

ENCERRAMENTO: Se houver tempo a aula pode ser finalizada nos 20 minutos finais com a seguinte discussão, caso não reste tempo você pode iniciar as próximas aulas com ela.

Discussão 1: "Por que algumas pessoas eram contra o voto feminino no passado?"

Discussão 2: "Por que dividir tarefas domésticas é uma questão feminista?"

O MOVIMENTO FEMINISTA

Espera-se com essas aulas que as(os) alunas(os) aprendam a identificar desigualdades de gênero no dia a dia e a compreensão do feminismo como um movimento que luta por respeito e justiça.

AULA 5



Tempo previsto
2h/A



Figura 2

OBJETIVO GERAL

Analisar o papel do feminismo no combate as violências de gênero contra as mulheres.

.....

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Para retomar o assunto sobre feminismo já iniciado anteriormente, você pode relembrar alguns pontos vistos e dizer que essas aulas serão de continuidade ao debate e tratarão sobre como o combate às violências de gênero contra as mulheres, dentre tantas pautas, tornou-se a principal bandeira de luta do movimento até os dias de hoje.

DESENVOLVIMENTO: Você pode estruturar sua explicação da seguinte forma:

- Explique brevemente sobre o contexto ditatorial do Brasil nos anos 70/80, que foi pano de fundo para a atuação das feministas que lutaram tanto contra o regime autoritário como a favor dos direitos das mulheres;
- Exponha o feminicídio de Angela Diniz, acontecido em 1976, um caso que chocou o Brasil e influenciou o debate sobre violência doméstica e a contestação da tese da legítima defesa da honra;
- Explique como as feministas usaram desse caso para impulsionar as manifestações que lutavam por mudanças na justiça e na mentalidade dos brasileiros que costumavam/costumam culpar as vítimas das violências praticadas contra elas.

Em seguida, questione-as(os) o que elas(es) entendem por violência doméstica/violência de

gênero, se já ouviram falar desses termos, o que entendem por cada um, se significam a mesma coisa ou não. Vá escutando as respostas afim de entender qual o nível de conhecimento das(os) alunas(os) sobre a temática. Feito essa condução, explique que apesar de usarem os termos com o mesmo significado, eles trazem concepções diferentes, enquanto a violência doméstica se restringe às violências sofridas dentro de casa, na grande maioria das vezes por membros da família, a violência de gênero acontece em qualquer ambiente da sociedade e pode ser praticadas por qualquer pessoa.

ENCERRAMENTO: Pergunte se elas(es) sabem o motivo das mulheres compor as vítimas preferenciais das violências de gênero. Aproveite as respostas e pontos levantados pela turma para você se aprofundar na problemática, esclarecendo que nada disso é natural, e sim fruto dos estereótipos de gênero construídos na sociedade que educam meninas para ser submissas e controladas e meninos para ser dominadores e agressivos, fazendo-os acreditar que detêm a posse dos corpos de mulheres. E, conseqüentemente, da cultura machista consolidada entre homens e mulheres.

O MOVIMENTO FEMINISTA

O jogo de tabuleiro selecionado para essas aulas são de autoria da professora Denise Aparecida Ribeiro da Cruz divulgado como ferramenta pedagógica em sua pesquisa de mestrado do PROFHISTÓRIA.

AULA 6



JOGO DE TABULEIRO - NO CAMINHO DO FEMINISMO: É VERDADE OU MENTIRA

Antes da aula, é preciso que você professor(a) tenha feito a impressão do material do jogo



OBJETIVO GERAL

Desconstruir mitos e estereótipos sobre o feminismo através de um jogo dinâmico e interativo.

.....

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Comece as aulas explicando que a turma irá jogar um jogo de tabuleiro e peça que se dividam entre 3 a 4 equipes. Em seguida, explique as regras do jogo:

- O jogo de tabuleiro tem o percurso em forma do símbolo do feminismo e tem por objetivo central que se cruze a chegada por primeiro;
- Para cumprir essa trajetória as(os) jogadoras(es) passarão pelas suas 23 casas, em cada uma retirarão uma carta-pergunta e responderão uma questão dizendo se é verdade ou mentira;
- Quando errar a questão deverão recuar uma casa e ao acertar avançarão uma casa;
- O jogo no total tem 100 cartas, porém, recomendo que o(a) professor(a) selecione as cartas mais pertinentes para compor o momento em sala de aula, uma vez que jogar com todas não dará tempo e há cartas com conteúdos muito parecidas. No caso, sugiro que selecione apenas as que tocam mais na temática das violências contra as mulheres.

Convide a primeira equipe a selecionar um membro para retirar uma carta, e somente o(a) professor(a) poderá revirar a carta e ler para toda a turma a afirmação. Dê 1 minuto ou mais, dependendo do grau de dificuldade da carta, para que a equipe debata entre si e decidam qual resposta darão. Transcorrido o tempo, peça que apresentem a decisão tomada, mesmo que tenham acertado ou errado, comente com elas(es) brevemente sobre o tema contido naquela carta. Por fim, vence o grupo que alcançar a "linha de chegada" primeiro.

Se o(a) professor(a) puder, pense em levar algum prêmio simbólico para a disputa, pode ser uma caixa de bombons ou até pontos extras para a equipe ganhadora. O que vale é a intenção, e as(os) alunas(os) se sentirão mais motivadas(os) na dinâmica

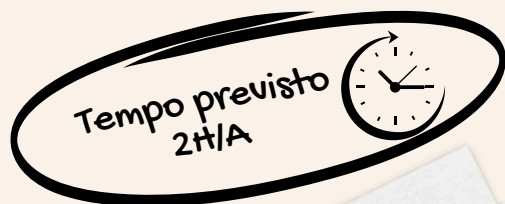
ENCERRAMENTO: Solicite que algum(a) aluno(a) relate a experiência desse momento.



Figura 3

COLONIZAÇÃO DO BRASIL

Uma aula sobre Colonização do Brasil é uma ótima base pra depois adentrar no tema da formação do patriarcado.



AULA 7

Nessa aula estudaremos:

- Chegada dos portugueses no século XVI;
- Capitânicas Hereditárias;
- Economia baseada no latifúndio, monocultura e escravidão;
- Sociedade colonial: casa-grande, senzala e aldeamento indígena;
- Influência da Igreja e da cultura portuguesa.

OBJETIVO GERAL

Compreender os processos e interesses envolvidos na colonização do Brasil e analisar como essas estruturas moldaram a sociedade brasileira.

• • • • • ● • • • • •

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: A aula em questão é expositiva-dialogada, inicie-a exibindo a imagem de um mapa interativo no data-show, mostrando as rotas de navegação portuguesas e o início da colonização do território brasileiro. Lance a pergunta provocadora: "O Brasil nasceu para ser um país independente ou explorado?"

DESENVOLVIMENTO: Durante a exposição dialogada, aborde os principais elementos da colonização portuguesa no Brasil, começando pelas motivações da expansão ultramarina europeia no século XVI, como a busca por riquezas, a propagação da fé cristã e a rivalidade entre potências marítimas. Em seguida, apresente o modelo de colonização exploratória adotado por Portugal, onde a colônia existia para servir aos interesses da metrópole. As(os) alunas(os) conhecerão as estruturas administrativas implantadas, como as Capitânicas Hereditárias, além da organização econômica centrada no latifúndio, na monocultura da cana-de-açúcar e na utilização da mão de obra escravizada, tanto indígena quanto africana. Discuta também a formação da sociedade colonial, marcada por uma rígida hierarquia social e racial, com a casa-grande representando o poder dos senhores de engenho e a senzala simbolizando a opressão dos

trabalhadores escravizados. Ressalte a influência da Igreja Católica na vida cotidiana e na legitimação das estruturas de poder, assim como os primeiros traços de concentração de poder nas mãos de homens brancos proprietários, servindo de gancho para a próxima aula sobre o patriarcado no Brasil colonial.

ENCERRAMENTO: Como sugestão para encerrar essas aulas, uma atividade em formato de questionário é ideal para fixar os conteúdos e avaliar a compreensão dos alunos de forma mais estruturada. Você, professor(a), pode selecionar algumas questões objetivas da própria internet que disponibiliza uma enorme gama de questões tanto das edições dos anos anteriores do ENEM, como de diversos outros vestibulares do país. Recomendo que você selecione cerca de 10 questões (pode ser mais ou menos, dependendo do tempo disponível). Se houver tempo você pode entregar em sala o questionário e, em seguida, ler as questões e analisar as alternativas em conjunto. Dessa forma, você e a turma poderão debater as respostas entre si, o que torna o momento muito mais rico e dinâmico. Caso não haja mais tempo, você pode retomar essa correção no próximo encontro.

PATRIARCADO NO BRASIL

O patriarcado é um sistema de dominação que privilegia homens e oprime mulheres, sendo um dos maiores responsáveis pela cultura de violências que atingem as mulheres no Brasil.

AULA 8

Tempo previsto
2h/A



É interessante que você, professor(a), sempre se atente a adaptar sua didática e linguagem para a mais simples possível, a vista de atingir todos os públicos presentes na sala de aula.

OBJETIVO GERAL

Compreender o conceito de patriarcado e suas implicações históricas e sociais, identificando como ele se formou no Brasil e como, consequentemente, moldou papéis de homens e de mulheres, sendo responsável por gerar desigualdades de gênero presentes até hoje.

.....

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Para começar exiba no data-show uma imagem representando uma típica família patriarcal (sugiro que selecione as mais famosas da época colonial do Brasil). Questione a turma sobre o que conhecem sobre família patriarcal/patriarcado (permita que respondam livremente). Pergunte também sobre quais eram os papéis das mulheres e dos homens na sociedade colonial (puxe o link com as aulas anteriores sobre Brasil colônia). Levante mais um questionamento: "Quem mandava na casa e na sociedade no Brasil colonial?". Com os debates que surgirão você já pode guiar as discussões para falar sobre as relações de poder que começaram a ser estabelecidas desde então.

DESENVOLVIMENTO: A aula será desenvolvida a partir de uma exposição-dialogada com as(os) alunas(os), iniciando com a explicação do conceito de patriarcado, suas raízes históricas e seu significado como um sistema de dominação que privilegia os homens, especialmente os brancos e ricos, em detrimento das mulheres e de outros grupos. Em seguida, serão analisadas as origens desse sistema no Brasil colonial, com ênfase na figura do senhor de engenho e na organização da casa-grande como centro do poder patriarcal, onde a mulher branca

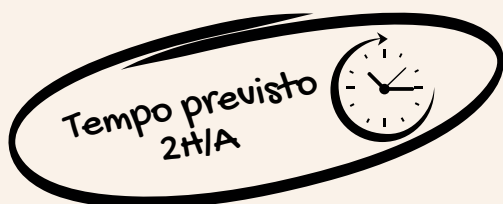
era confinada à domesticidade e à obediência, enquanto mulheres negras e indígenas, inseridas nessa estrutura como propriedade, eram submetidas a violências físicas, sexuais e simbólicas. Os filhos homens aprendiam desde cedo a ocupar o lugar de comando, enquanto meninas eram educadas para serem submissas. Discuta também o papel da Igreja na legitimação dessas estruturas, por meio da moral cristã e das normas de comportamento.

ENCERRAMENTO: Para finalizar as aulas com profundidade e participação ativa da turma, sugere-se uma atividade final coletiva que promoverá uma reflexão crítica sobre os impactos dessas estruturas históricas na sociedade atual. Para isso, lance as seguintes perguntas:

1. O patriarcado é uma herança colonial?;
 2. De que forma o patriarcado afeta as relações de gênero no Brasil atual?
- Convide as(os) alunas(os) a opinarem com base no que foi discutido. Incentive que façam relações com exemplos atuais (família, redes sociais, escola, leis, cultura etc.). Termine destacando que compreender o passado ajuda a tomar consciência histórica e transformar o presente.

DOCUMENTÁRIO: O SILÊNCIO DOS HOMENS

O patriarcado reforça normas de masculinidade que sustentam privilégios sociais, políticos e econômicos dos homens, perpetuando desigualdades e violências estruturantes.



O documentário produzido pelo projeto PapodeHomem - "O Silêncio dos Homens" está disponível completo no YouTube: <https://www.youtube.com/watch?v=NRom49UVXCE&list=PLV8siqRMVJ2alglHcbaNPimUSZ8omJDpGN&index=2>

AULA 9

OBJETIVO GERAL

Refletir sobre os padrões de masculinidade impostos pela sociedade patriarcal e promover um debate crítico sobre estereótipos de gênero e suas consequências tanto para mulheres e homens.

• • • • • ● • • • • •

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Antes de projetar e exibir o documentário explique que ele vai de encontro com a aula que a turma conversou sobre estereótipos de gênero e papéis sociais construídos para homens. Após, contextualize o documentário: fale sobre como os homens são ensinados a reprimir emoções e que os efeitos disso são refletidos diretamente na vivência entre eles e as mulheres.

DESENVOLVIMENTO: Feitas essas considerações preliminares, coloque para a turma assistir ao documentário (ele tem duração de 1 hora, mas como esse encontro foi planejado para duas aulas de 50 minutos, então o tempo não ficará comprometido). Finalizado o vídeo, destaque as principais discussões tratadas como relações familiares, masculinidade tóxica, solidão masculina, a ideia de que "homem não chora", uso de álcool, drogas e violência como válvulas de escape... Em seguida, faça a mediação de uma roda de conversa e lance os questionamentos para que a turma possa refletir e voluntariamente responder: "O que mais chamou atenção?", "Vocês reconhecem as situações descritas no cotidiano?", "Qual a relação entre masculinidade tóxica e violência?"

"Quais as soluções e depoimentos de transformação trazidos ao final do documentário?", "Por que homens tem medo de ser julgados ao expressarem seus sentimentos?", "Como romper com o "silêncio"?", "Como homens podem expressar vulnerabilidade e menos agressividade?". Pratique a escuta ativa e instigue que falem.

ENCERRAMENTO: Se aproximando de encerrar as aulas, proponha uma atividade breve para que seja realizada ainda em turma como forma de transformar o debate reflexivo em uma ação de "compromisso público". Providencie um cartaz para que nele, coletivamente, cada aluna(o) possa escrever uma ação concreta de compromisso para combater a masculinidade tóxica no seu cotidiano (ex.: "Não vou rir de piadas machistas", "Vou questionar um amigo que xinga a ex", "Não irei normalizar atitudes e práticas violenta contra mulheres"...). Ao final você, professor(a), pode afixar este cartaz na escola ou na própria sala de aula.

JOGO: QUEDA DO PATRIARCADO

Compreendemos os jogos como ferramentas eficazes e potentes para promover a divulgação de informações e conhecimentos, estimular reflexões e propor mudanças nas dinâmicas das relações de poder entre homens e mulheres.

AULA 10

Tempo previsto
2h/A



O jogo por conter informações e termos complexos e, muitas vezes, delicados, é recomendado que seja aplicado por professoras(es) que tenham alguma familiaridade com o tema de gênero e que consigam facilitar a mediação.



O jogo é composto por 35 peças e um termômetro patriarcal e é feito para até 6 jogadores. Por isso, em uma turma com 30 alunos, você deve providenciar 5 kits do jogo para distribuir em 5 grupos diferentes.

OBJETIVO GERAL

Conhecer os componentes que determinam a relação entre a nossa sociedade e gênero. Retirando peças da estrutura patriarcal é possível descobrir dados, reconhecer elementos sociais e eliminá-los. No final, tem que reconstruir a estrutura social, colocando outros elementos no lugar das peças derrubadas.

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Inicie a aula conversando com a turma e lembrando as discussões sobre Patriarcado vistas nas aulas passadas, e explique que vivemos ainda hoje nesse sistema estrutural e social dominado por homens tanto nos ambientes privados como públicos. Feita essas considerações, diga que será aplicado um jogo em turma para que a turma junta derrube o Patriarcado. Em seguida forneça as seguintes orientações:

→ Cada peça do jogo representa um elemento da estrutura social;

→ A missão delas(es), enquanto jogadoras(es), é derrubar esta estrutura vertical e hierárquica, distribuindo poder e autonomia de forma igualitária;

→ A missão só será cumprida se as bases para um novo sistema social forem estabelecidas;

→ Cada peça que compõe a estrutura do Patriarcado possui uma informação e/ou uma estatística, as(os) jogadoras(es) devem retirar a peça e ler tudo em voz alta para o grupo;

→ Lembre-se que a sua voz tem poder: ao fazer isso, a característica lida será de conhecimento de todas(os) e poderá deixar de fazer parte, definitivamente da sociedade que vocês estão transformando.

DESENVOLVIMENTO: Peça que se formem cinco equipes espalhadas pela sala e distribua um kit do jogo para cada grupo. Explique que quando forem montar a estrutura do Patriarcado, elas(es) precisarão posicionar primeiramente as peças de cor vinho (que representam as bases/raízes do patriarcado). De três em três, alternando o sentido

de cada camada, vão montando o sistema patriarcal. Depois delas seguem as vermelhas, amarelas e, por fim, as azuis, que devem ficar na superfície, sendo as primeiras a serem eliminadas.

Agora explique as regras do jogo:

- ✓ É preciso jogar em sentido horário;
- ✓ Cada jogador(a) pode retirar apenas uma peça por camada, podendo usar apenas uma mão e encostar em uma peça só;
- ✓ Não é possível acessar as peças mais próximas da base (amarelas e vermelhas) sem retirar, antes, as peças mais superficiais (azuis);
- ✓ Ordem de retirada: 1. azuis que estão na superfície, 2. as amarelas e 3. as vermelhas. 4. as de cor vinho, uma por uma, acabando com as bases do Patriarcado;
- ✓ Se algum(a) jogador(a) derrubar várias peças de uma só vez, a sociedade patriarcal irá puni-lo(a) e ele(a) deverá devolver as peças que caíram e o Patriarcado ganha um ponto (no termômetro patriarcal).

Figura 4



A cada 3 peças que forem retiradas, um ponto de desconstrução (no termômetro patriarcal).

- ✓ O(A) jogador(a) pode dizer uma solução a qualquer hora para combater uma daquelas 3 peças, ganhando um ponto em direção à desconstrução. A solução deve ser dita em 30 segundos, pode ser simples, inserida no cotidiano ou estrutural, utilizada para alterar um sistema, colocando outra regra/prática no lugar;
- ✓ Caso o grupo de jogadoras(es) tenha atingido a casa de desconstrução (no termômetro patriarcal) e ainda tenham peças na torre, ganha-se um super poder, ficando permitido tirar 3 peças por vez;
- ✓ Fim de jogo: Para cumprir a missão de derrubar o Patriarcado, as(os) jogadoras(es) devem terminar o jogo, retirando todas as peças, inclusive as da base (vinhos) e substituindo elas por outras diretrizes que sejam a raiz de uma sociedade igualitária, onde não existe opressão de gênero e mulheres e homens vivem em equidade.

⚠ CUIDADO: se o termômetro patriarcal atingir o máximo, chegando na casa Patriarcado, todos jogadores perdem o jogo. Para derrubar o Patriarcado é necessário que a equipe combine estratégias e tenha cautela.



Figura 5

ENCERRAMENTO: Após cada equipe terminar de derrubar o patriarcado, retire um momento para ouvir os relatos de cada uma. Pergunte como foi a experiência, o que puderam aprender com esse jogo e como foi desconstruir esse sistema de dominação que sustenta nossa sociedade e oprime as mulheres.

• • • • •

Observação para o(a) professor(a): ao escolher ministrar essa aula, você precisará ler com cautela o manual do jogo e baixar o material para que possa ser impresso, recortado e colados as peças antes da aula.

CAPAS	ESTRUTURA FAMILIAR PATRIARCAL	Nessa estrutura, a forma de organizar a comunidade, a autoridade, e a propriedade pertencem a homens como propriedade de homens.	SABIA MAIS NO PATRIARCADO
	SISTEMA ECONÔMICO VIGENTE	Nesse sistema, a mulher é reduzida a condição de mercadoria e tem seu papel social voltado para servir a homens e garantir seu trabalho.	SABIA MAIS NO PATRIARCADO
	PODER RELIGIOSO PATRIARCAL	O poder religioso (patriarcal) usa a crença para pregar e garantir a dominação de homens.	SABIA MAIS NO PATRIARCADO
	DIVISÃO SEXUAL DO TRABALHO E SISTEMA DE TRABALHO BASEADO NA MASCLINIDADE	A divisão sexual do trabalho confere a mulher papéis específicos, que a colocam em uma posição inferior ao homem. O sistema de trabalho baseado na masculinidade mantém o corpo feminino.	SABIA MAIS NO PATRIARCADO
	VIOLÊNCIA E CULTURA DO ESTÚPIO	A violência de que homens não desmentem expõe a mulher, está a todo o tempo sob o olhar que a quer controlar, humilhar, abusar, machucar, e que se alimenta mantendo esse "degrau patriarcal" entre os homens. São eles que tentam controlar, controlar a mulher, são eles que tentam controlar a mulher.	SABIA MAIS NO PATRIARCADO
	SUPREMACIA PELA FORÇA FÍSICA	É usado para justificar a violência masculina contra as mulheres, alegando a superioridade física dos homens e a inferioridade das mulheres.	SABIA MAIS NO PATRIARCADO
		DESCRIÇÕES	

Figura 6

Para impressão

Figura 7



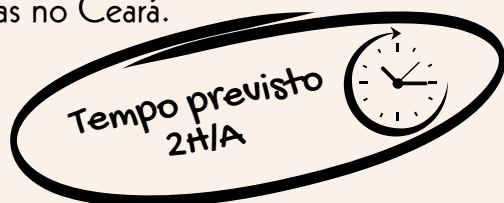
Depois de montado



Essa aula e as imagens foram retiradas do Manual dos jogos do projeto Fast Food da Política - Molho especial.

COLONIZAÇÃO E POVOAMENTO DO CEARÁ

O entendimento desse processo histórico é porta de entrada para a compreensão das relações de poder, dominação e de violência consolidadas no Ceará.



AULA 11

Para essas aulas serão precisos os seguintes materiais e fontes

históricas:

- Data-show;
- Mapa histórico e atual do Ceará;
- Imagens de fortificações (ex.: Forte Schoonenborch);
- Fotografias de fazendas locais.

OBJETIVO GERAL

Compreender o processo de colonização e povoamento do Ceará e analisar o impacto da colonização sobre a formação socioeconômica do estado.

.....

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Como introdução da aula exiba no data-show o mapa pré-colonial do Ceará com a localização de tribos indígenas (Tremembé, Potyguara, Kariri, Aimorés, etc.). E lance as seguintes perguntas disparadoras: 1. "Quem habitava o Ceará antes da chegada dos europeus, e como viviam?"; 2. "Como o Ceará deixou de ser território indígena para se tornar parte do Brasil colonial?". Como forma de sensibiliza-los para que compreendam que antes da chegada dos europeus, o território cearense já era habitado e sua ocupação pelos invasores europeus foi parte de um projeto político colonial violento e excludente.

DESENVOLVIMENTO: Aula expositiva, na qual o(a) professor(a) deverá explicar os ciclos econômicos que impulsionaram o povoamento local, possibilitando a criação da Capitania do Siará Grande e como estes ciclos contribuíram para a concentração de terras nas mãos de poucos fazendeiros:

- Século XVI: Tentativas fracassadas de colonização;
- Século XVII: Europeus no litoral e conflitos com indígenas;
- Século XVIII: Expansão da pecuária

(interior) e surgimento das fazendas de gado e das vilas. Exiba imagens históricas dos fortes, fazendas, plantações de algodão e do comércio do charque e explique como as fortificações deram origem a ocupação de certos espaços e como essas atividades moldaram a economia e a sociedade cearense e foram responsáveis pela riqueza de alguns homens e famílias do estado.

Ainda na explanação, relembre-as(os) sobre as aulas já vistas sobre patriarcado, e explique que esse sistema de dominação também se faz preponderante na formação da sociedade cearense que desde então se consolidou rural, latifundiária e patriarcal. O coronelismo no Ceará tem sua origem aí, já que foi um braço do patriarcalismo, ajudando a reforçar ainda mais o mandonismo masculino no cenário político e social do estado (mas essa discussão será mais aprofundada nas próximas aulas).

ENCERRAMENTO: Finalizando o momento, projete o mapa colonial e o mapa atual do Ceará e peça que as(os) estudantes visualizem as mudanças geográficas e territoriais. Estimule as percepções e conduza o diálogo explicitando as modificações e permanências.

CORONELISMO

O documentário "Theodorico, Imperador do Sertão", é retrato fiel do coronelismo e do mandonismo nordestino. O protagonista se autodescreve como "autoritário e dono de almas, dominador da política local, manipulador de verbas públicas em causa própria, metódico e centrado".

AULA 12

Tempo previsto
2h/A

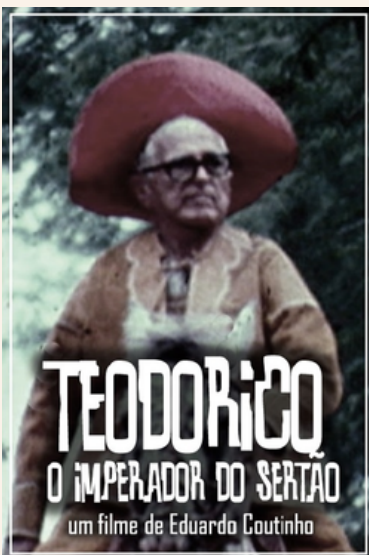


Figura 8

O documentário tem duração de 50 minutos e foi gravado como um programa do Globo Repórter, em 1978.

Nele é registrado o depoimento do coronel e acompanha as conversas dele com seus trabalhadores, deixando evidente as relações de poder.

Está disponível completo no link do YouTube:

<https://www.youtube.com/watch?v=0WfCIMOwJc4>

OBJETIVO GERAL

Comprender o conceito do coronelismo através da trajetória de Theodorico Bezerra como representante desse fenômeno. Analisar quem eram os coronéis do Nordeste e como influenciaram a cultura da região.

.....

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Como sensibilização para as discussões que serão apresentadas dispare as seguintes perguntas para a turma: 1. "O que vocês sabem sobre coronelismo?", 2. "Quem foram os coronéis?", 3. "Por qual motivo eles eram tão poderosos?". Escute as opiniões e estimule-as(os) a falar. Mas antes de vocês se aprofundarem na temática, diga para elas(es) que será exibido um documentário em sala e peça que prestem atenção e tentem interligá-lo aos questionamentos anteriores. Solicite que no caderno anotem os seguintes pontos: - Como Theodorico construía sua imagem pública; - Quais mecanismos ele usava para manter o poder; - Como o documentário retrata a resistência a ele.

DESENVOLVIMENTO: Coloque o documentário para ser exibido. Ao terminar, estimule um pequeno debate sobre o mesmo questionando às(aos) alunas(os): "Qual cena mais chamou atenção? Por quê?", "Como o documentário retrata a relação entre Theodorico e seus subordinados?", "Como Theodorico trata as mulheres?". Feita as observações, explique que apesar do cenário se passar em Rio Grande do Norte, a história do protagonista muito se assemelha a de tantos outros coronéis e homens

• poderosos do nosso passado cearense. Solicite alguns voluntários para expor suas anotações sobre os três pontos requeridos. Agora, você professor(a), explique para a turma um pouco sobre o conceito do coronelismo e sua contextualização no Ceará, especificamente. Recomendo o auxílio de slides, no qual você pode adicionar pontos importantes e exibir imagens históricas de coronéis nordestinos e suas famílias. Não esqueça de falar sobre como os coronéis do Ceará surgiram junto com a colonização do território e se consolidaram ao longo do tempo, estes são, em sua grande maioria, os ricos fazendeiros e proprietários da elite rural do sertão que assumem o posto devido sua forte influência social e também política. E que sob seus domínios estavam, além de suas terras, todas as pessoas que os cercavam e deles dependiam, controlados com muita violência e opressão, verdadeiros instrumentos de manutenção de poder.

• **ENCERRAMENTO:** Problematicize as cenas e as falas do coronel sobre a objetificação e sexualização das mulheres, e a naturalização das relações entre os gêneros.

ELAS, À SOMBRA DOS CORONÉIS

A violência foi a base da sustentação da estrutura do sistema coronelístico, por isso há uma intensa relação de poder entre coronelismo e opressão contra as mulheres.

AULA 13

Tempo previsto
2H/A

OBJETIVO GERAL

Analisar as relações de poder firmadas no coronelismo e as diferentes experiências de mulheres (brancas privilegiadas, pobres livres e negras escravizadas) nesse contexto histórico do Ceará, além de desenvolver pensamento crítico sobre práticas violentas firmadas como instrumento de manutenção do poder.

• • • • •

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Para iniciar a discussão da aula realize um aquecimento sensorial com o auxílio de fontes históricas visuais de mulheres cearenses (escravizadas, sinhás, rendeiras, vendedoras e etc) que, você professor(a), irá exibir no data-show para a turma. Como não temos grande acervo desses registros na internet, recomendo que você selecione os que encontrar, mas também pode adicionar imagens e pinturas que retratam mulheres do próprio Nordeste e do Brasil, de preferência entre os séculos XVI a XIX. Apesar de querermos analisar mulheres cearense, nada nos impede de analisar as representações das experiências das mesmas além das fronteiras do estado. Ao passar as imagens, realize uma leitura visual crítica com a turma e peça que as(os) alunas(os) descrevam as expressões das mulheres. Pergunte: "O que essas imagens revelam sobre a vida das mulheres no passado?".

DESENVOLVIMENTO: Peça que a turma se divida em 3 grupos na própria sala, cada um representará um perfil de mulher no contexto do coronelismo cearense.

Grupo 1: Mulheres brancas privilegiada; Grupo

2: Mulheres pobres livres; Grupo 3: Mulheres negras escravizadas.

Distribua para cada grupo cópias com o texto referente às mulheres que irão estudar (recomendo que você retire esse texto apresentado no próprio manual ou da dissertação da autora, entre as páginas 76 a 83 ela trata de forma mais aprofundada, especificamente, sobre essas mulheres na história cearense. Você pode selecionar o texto ou trechos dele, como achar melhor). Disponibilize cerca de 20/30 minutos para que os grupos leiam e façam comentários e anotações sobre. Após isso, cada grupo irá eleger alguns membros para resumir e compartilhar com os demais da turma o que aprenderem nos seus textos e debates sobre as experiências das mulheres e quais eram as opressões vivenciadas por elas em seus cotidianos. Instigue-os e intervenha sempre que preciso para que as discussões fiquem claras e mais aprofundadas.

ENCERRAMENTO: Para finalizar as aulas, faça a reflexão de como o coronelismo e o patriarcalismo afetaram a vida dessas mulheres, que apesar de papéis desiguais, tiveram todas suas vidas vigiadas, seus corpos objetificados e suas vozes silenciadas.

Figura 9



Figura 10



Figura 11



Figura 12



BÁRBARA DE ALENCAR

As(os) alunas(os) não apenas aprenderão sobre Bárbara de Alencar, mas reconhecerão como estruturas de poder silenciam vozes femininas. A aula transforma história em ação, inspirando-as(os) a questionar narrativas dominantes e valorizar lutas por equidade.

AULA 14

O vídeo "A História de Bárbara de Alencar - MULHERES PELA INDEPENDÊNCIA" é do Canal History Brasil, tem 4min47s de duração e está disponível no link:

<https://www.youtube.com/watch?v=X6pgHOP0D6w>

OBJETIVO GERAL

Analisar o protagonismo de Bárbara de Alencar nas lutas pela independência do Brasil e sua invisibilidade histórica; e refletir sobre as estruturas de gênero e poder no século XIX e suas reverberações contemporâneas.

• • • • •

Tempo previsto
2h/A

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Inicie a aula lançando a pergunta disparadora: "Quem são os heróis da Independência do Brasil que você conhece? Alguma mulher?". Proporcione uma discussão inicial sobre a invisibilidade feminina na história oficial.

DESENVOLVIMENTO: Em seguida apresente Bárbara de Alencar para a turma, a primeira presa política do Brasil, explique sobre o contexto histórico em que ela viveu, seu nascimento, revolução de 1817, prisão e legado. Você professor(a), pode usar slides e exibir imagens dela, de onde ela nasceu, viveu, as casas onde morou, as prisões por onde passou. Exiba o vídeo do YouTube "A História de Bárbara de Alencar - MULHERES PELA INDEPENDÊNCIA". Em seguida, dialogue com a turma sobre a forma como descreveram Bárbara na época em que viveu de "mulher-macho" por conta da vida "fora do padrão" que ela levava com o intuito de ridicularizar sua pessoa. Questione qual a opinião delas(es) sobre isso e por que uma mulher poderosa era vista como ameaça?

No segundo momento da aula, exiba brevemente para as(os) alunas(os) o dado do Ministério Público Federal que indica que, de agosto de 2021 até meados de 2024, foram recebidas 215 denúncias de violência política de gênero dos mais variados tipos em todo o Brasil. E mostre para a turma casos concretos de violência política de gênero contra as mulheres no Ceará atual, para que eles possam entender a realidade dessa violência que não se limitou só a Bárbara e que se manifesta de diferentes formas. Só nos últimos anos houveram diversos episódios de ameaças e ataques sofridos por mulheres na política cearense. Sugiro que use como exemplo a ameaça de morte à vereadora Larissa Gaspar (Fortaleza, 2021); Ataques online contra a vereadora Adriana Gerônimo (Fortaleza, 2024); Ataques às deputadas estaduais Larissa Gaspar, Jô Farias e Juliana Lucena (Russas, 2023).

ENCERRAMENTO: No momento final das aulas peça que falem o que acharam de Bárbara de Alencar e que definam ela em uma palavra. Enfatize que a trajetória de Bárbara foi apagada, mas jamais será esquecida.

PRETA TIA SIMOA

AULA 15

Liderança negra, resistência e apagamento histórico no Ceará.
As(os) alunas(os) sairão não apenas conhecendo Preta Tia Simoa, mas entendendo como é necessário questionar narrativas dominantes e agir contra injustiças sociais.



Figura 13

OBJETIVO GERAL

Reconhecer o protagonismo de Preta Tia Simoa na luta abolicionista; e refletir sobre como o racismo estrutural e o apagamento da contribuição negra na formação do Ceará ainda refletem na realidade das mulheres negras e nas violações de seus direitos.

• • • • •

Tempo previsto
2H/A

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Para introduzir a aula dispare as perguntas: "Por que o Ceará é chamado 'Terra da Luz'?", "Que luzes e sombras essas história esconde?", "Por que diziam antigamente que o Ceará não tinha negros?". Após as opiniões da turma faça uma discussão inicial sobre cada questionamento.

DESENVOLVIMENTO: Explique sobre quem foi Preta Tia Simoa, sua história e sua liderança frente ao primeiro momento da Greve dos Jangadeiros, em 1881. Esclareça também sobre o contexto histórico desse evento e sua importância para o Ceará, uma vez que fez com que o estado se torna-se o primeiro a abolir a escravidão no Brasil. Com auxílio do data-show, exiba as imagens que retratam Tia Simoa, Dragão do Mar, fotografias antigas e recentes do Porto de Fortaleza, da praia do peixe, e da própria cidade de Fortaleza. Feita essa explanação, exiba imagens que representam o movimento abolicionista no Ceará e no Brasil e problematize por que tais representações glorifiquem a liderança de pessoas brancas.

Figura 14

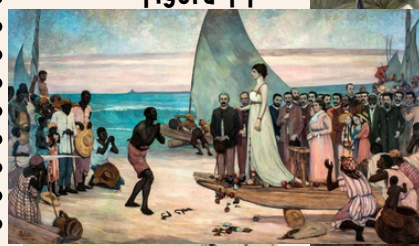


Figura 15



Figura 16

Figura 17

"Quem decide que personagens entrarão na história e serão lembrados?", "Por que Dragão do Mar foi eleito como símbolo da luta contra a escravidão no Ceará e Tia Simoa foi apagada?"

ENCERRAMENTO: Como forma de finalizar as aulas e refletir sobre a persistência da invisibilidade e opressão das mulheres negras mostre para a turma alguns dados atuais sobre violência contra mulheres negras no Ceará. Pois, apesar da violência ser o fenômeno mais democrático e generalizado que existe, as estatísticas apontam que mulheres negras e pobres estão, especialmente, mais suscetíveis a tais violências.

MARIA DA PENHA

Além de conhecer mais a fundo a história de Maria da Penha, compreenderemos também que a violência de gênero é um problema estrutural.

AULA 16

Figura 18



OBJETIVO GERAL

Compreender a trajetória de Maria da Penha e sua relação com a criação da Lei 11.340/2006; refletir sobre as estruturas sociais que perpetuam as violências contra as mulheres.

Figura 20

Tempo previsto 2H/A

ROTEIRO DIDÁTICO

Figura 19



ABERTURA DA AULA: Como forma de sensibilizar a turma para as aulas, em uma caixinha de som coloque para tocar a música "Maria da Vila Matilde" da cantora brasileira Elza Soares. Peça que se atentem a letra da música e depois digam suas percepções da canção.

DESENVOLVIMENTO: Explique para a turma sobre a história de Maria da Penha, quem é essa mulher cearense que está por trás do nome da Lei mais famosa e conhecida do Brasil, fazendo uma linha do tempo de sua vida. Você professor(a) pode inclusive projetar fotos de cada momento, pois sabemos que imagens não são apenas ilustrações, mas auxiliam muito mais no processo de interpretação e compreensão dos assuntos pelas(os) estudantes. Após ter explanado sobre toda a luta enfrentada por ela junto do seu agressor dentro de sua própria casa, discuta com a turma: "Por que o Estado demorou 19 anos para punir o agressor? Que razões explicariam tal realidade?". Projete para a turma algumas propagandas dos anos 1950 e 1960 para que em conjunto façam a análise das mesmas, comparando essas imagens (que normalizavam violência doméstica) com campanhas atuais do Instituto Maria da Penha, como os exemplos adiante.

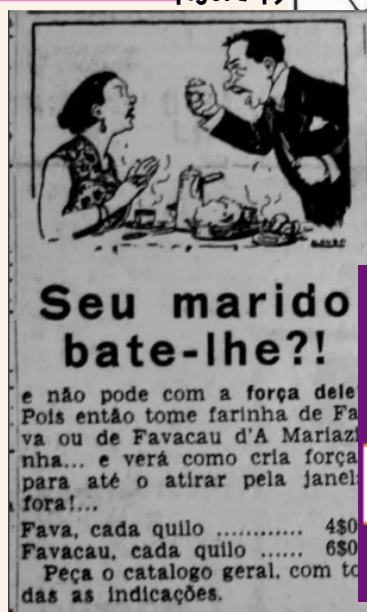


Figura 21

Questione: "Como a sociedade enxergava a violência contra a mulher antes da Lei Maria da Penha?"

ENCERRAMENTO: Para finalizar as aulas exiba para a turma com o auxílio do data-show o vídeo do YouTube que é um trecho da entrevista de Maria da Penha no Programa do Porchat (<https://www.youtube.com/watch?v=KZXsPc-iSJM>). Busque promover uma reflexão acerca do depoimento de Maria da Penha e um consequente debate para encerrar esse momento.



ANÁLISE DE CASOS DE VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES

Investigação "Operação Justiça por Elas" que visa conectar as opressões históricas com desafios contemporâneos das violências de gênero.



PREPARAÇÃO PRÉVIA

1. Slides com estatísticas sobre violência contra mulheres no Ceará;
2. Seleção de casos (escolha casos reais. Ex.: feminicídios, violência doméstica, assédio);
3. Inclua diversidade de perfis de vítimas (raça, idade, orientação sexual, classe social, contexto urbano/rural).



Figura 22

AULA 17

OBJETIVO GERAL

Refletir sobre a violência de gênero contra mulheres a partir da análise de casos reais, identificando padrões e discutindo estratégias de combate e prevenção.

Tempo previsto
2h/A

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Como introdução da aula apresente dados sobre violências contra mulheres no Ceará (ex.: taxa de feminicídios, locais com maior incidência). Sugiro que você professor(a) utilize 3 casos emblemáticos do estado para dialogar nesse momento com a turma: Caso Dandara dos Santos (violência física seguida de transfeminicídio), caso Yanny Brena (violência psicológica e doméstica seguida de feminicídio), caso Natany Alves (Violência sexual seguida de feminicídio). Comente sobre os acontecimentos, falando sobre cada uma das mulheres que foram vitimadas, o que, onde, como e quando aconteceu cada um dos casos. Em seguida, explique para a turma sobre a atividade que irão realizar em sala que se chama "Operação Justiça por Elas": 1. Divida a turma em trios (recomendo que seja feito em um número pequeno de alunas(os), para que não fique nenhum disperso. Mas decida a divisão como achar melhor); 2. Entregue um "dossiê investigativo" para cada grupo; 3. Explique a tarefa (analisar o caso criminal e preencher a folha de investigação com os 6 pontos solicitados: descrição, tipologia, vítima, suspeito, arma usada e local do crime).

*** Pensando em uma turma de 30 alunas(os) +ou- recomendo ao(a) professor(a) selecionar 10 casos recentes que podem ser encontrados facilmente em sites locais online e/ou Instagram de portal de notícias para que seja distribuídos para que cada trio possa analisa-los. ***

DESENVOLVIMENTO: As(Os) alunas(os) discutem o caso entre seu trio, identificam pistas e preenchem a folha com os 6 itens a serem respondidos. Disponibilize cerca de 30 minutos para esse momento. Após, cada trio irá expor e descrever o caso recebido e as descobertas feitas em conjunto. Ao finalizar as equipes, você professor(a) irá lançar perguntas para reflexão e análise coletiva.

- Qual a relação mais comum entre vítima e suspeito?
- Há padrões nos suspeitos e nos locais dos crimes?
- Por que esses crimes são violência de gênero e não "crimes passionais"?

• Relacione com fatores sociais: machismo, desigualdade de poder, falhas na rede de proteção.

ENCERRAMENTO: Explicita que o objetivo dessa atividade interativa é se conscientizar sobre as violências de gênero contra as mulheres como problema estrutural e que nunca são "casos isolados" e nem "pontuais" no Ceará, além de possuir motivações parecidas os agressores em sua quase absoluta maioria são homens educados por uma educação machista e patriarcal. Para encerrar esse momento, divulgue para a turma o "ZAP DELAS" (85) 98114.00754 para que possam denunciar casos de violências contra as mulheres.

CONSCIÊNCIA COLETIVA: POR UM MUNDO SEM VIOLÊNCIA

Compreendendo os tipos de violência de gênero, ciclos e estratégias de enfrentamento.

AULA 18

* Avise que pode ser um conteúdo sensível para alguns e ofereça acolhimento e suporte emocional;

* Use linguagem simples e enfoque em situações do cotidiano;

* Convidados (opcional): Se possível, trazer uma assistente social ou representante da Delegacia da Mulher para um bate-papo.



Figura 23

OBJETIVO GERAL

Identificar e refletir sobre os diferentes tipos de violências contra as mulheres, compreender o ciclo da violência e promover ações de conscientização.

Tempo previsto
2h/A

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Para sensibilizar a turma para as discussões dessa temática, selecione imagens da internet ou frases que representem diferentes situações da violência (ex.: xingamentos, controle financeiro, ameaças, empurrão, diminuição da autoestima, toques não consensuais e etc) e questione: "Isso é violência? Por quê?". Relembre o conceito de violência de gênero já visto em aulas anteriores, que são qualquer ação que cause dano físico, psicológico ou social às mulheres por razões de gênero. Em seguida, dispare a pergunta: "O que vocês fariam se testemunhassem uma injustiça contra uma mulher?".

DESENVOLVIMENTO: Explique que irão realizar uma atividade em grupo e um posterior debate sobre os tipos de violência. Distribua cards com definições e exemplos dos 6 tipos de violência (física, psicológica, sexual, patrimonial, moral, política). Você professor(a) pode aproveitar para se aprofundar nessa explicação, esmiuçando as diferentes formas que as mulheres podem ter seus direitos violados. Em seguida, cada grupo recebe um caso fictício (ex.: marido que controla o salário da esposa; namorado agrediu a namorada com um objeto; ficante/paquera que proíbe a mulher de sair com determinada roupa; colega de trabalho que desqualifica a opinião e/ou ideia da mulher;

• ex-namorado que compartilha fotos íntimas sem consentimento). Elas(es) devem identificar: 1. Tipo de violência (pode haver mais de uma em uma mesma situação); 2. Como isso afeta a vítima (saúde, autonomia, dignidade); 3. Apresentação rápida: Cada grupo compartilha suas conclusões. Após esse momento, promova o seguinte debate com a turma: Como identificar sinais de violência em amigos/familiares? Quais são os obstáculos para denunciar (medo, dependência financeira, etc.)? Como cada uma pode ajudar e intervir em situações de violências contra as mulheres?

• **ENCERRAMENTO:** Como forma de reforçar a Lei Maria da Penha como instrumentos de proteção, leve para a aula a cartilha "LEI MARIA DA PENHA EM MIÚDOS", fornecido pelo Senado Federal de forma física ou online. Faça a leitura coletiva em sala de aula com a turma. Para finalizar esse momento de promoção de conscientização, sugiro uma atividade prática que as(os) alunas(os) possam realizar até mesmo em casa, na qual elas(es) deverão criar um post para as redes sociais ou um vídeo curto com uma mensagem de apoio às vítimas, informações sobre canais de denúncia (Disque 180, Delegacia da Mulher), exemplos de hashtags: #NãoSeCale, #RompendoOCiclo, #ViolênciaNãoÉAmor. Indique a plataforma do canvas na internet que tem ferramentas para conteúdos de redes sociais também.

QUIZ

Revisão dinâmica dos conteúdos vistos durante o semestre letivo da disciplina eletiva, da importância do tema e estímulo ao protagonismo juvenil no combate às violências contra as mulheres!

AULA 19

Sugestão para o QUIZ:
Plataforma WORDWALL (após o cadastro ele permite a criação de até 3 jogos grátis). Mas se houver problemas técnicos, imprima as perguntas e use um sistema de cartões.



Tempo previsto
2h/A



OBJETIVO GERAL

Revisar e consolidar os conhecimentos adquiridos em 6 meses de aula, promovendo engajamento e reflexão crítica através de um quiz interativo com desafios e premiação.

.....

ROTEIRO DIDÁTICO

PREPARAÇÃO PRÉVIA: 1. Se cadastre na plataforma e organize 30 perguntas por temas (ex.: Colonização do Brasil, Patriarcado, Coronelismo, Mulheres na História, Tipos de violência, Ciclo da violência, Lei Maria da Penha, Feminicídio, Dados estatísticos, Declaração sobre a eliminação da violência contra as mulheres, Questões do ENEM);

Exemplo de perguntas:

"Qual NÃO é um tipo de violência previsto na Lei Maria da Penha?"

a) Física | b) Patrimonial | c) Psicológica | d) Espiritual.

"Como se chama o sistema de dominação masculina consolidada pela colonização no Brasil?"

a) Personalismo | b) Patriarcalismo | c) Coronelismo | d) Patrimonialismo

2. Inclua imagens ou vídeos curtos nas perguntas para dinamizar (ex.: print de reportagens, gráficos);

3. Prepare de 5 a 6 desafios, você pode anexar situações cotidianas que tangem os temas e pedir que tomem um posicionamento imediato sobre o que está sendo exposto (você pode criar situações fictícias e/ou pegar da internet); pedir que "Encene uma cena de apoio a uma vítima de violência psicológica"; "Crie um slogan contra o feminicídio em 1 minuto"; "Liste 3 canais de denúncia em 30 segundos!"; "Recite um poema ou música que fale sobre empoderamento feminino"; "Liste 3 ações para ajudar uma amiga que sofre violência doméstica". São muitas possibilidades!

ABERTURA DA AULA: Ao iniciar, explique que irão jogar um quiz e peça que se dividam em equipes com 5 pessoas +/- . Em seguida, defina as regras da dinâmica:

- Cada resposta correta = 10 pontos.
- Desafio cumprido = 20 pontos extras.
- Resposta errada = perde 5 pontos.

Explique também os critérios de premiação (pode ser um "mimo" para a equipe que conseguir a maior pontuação ou pontos extras, você professor(a) que verá a melhor possibilidade);
Imprima e distribua para cada grupo a "Declaração sobre a eliminação da violência contra as mulheres" para que eles possam pesquisar sobre os artigos.

DESENVOLVIMENTO:

- Projete o quiz do Wordwall;
- Peça que cada equipe elabore 4 plaquinhas improvisadas com as alternativas A | B | C | D;
- Cada equipe responde alternadamente (use um sorteio para definir a ordem).

ENCERRAMENTO: Finalizado todas as perguntas e missões, faça a contagem final e premiação da equipe vencedora. Entregue o "mimo" e destaque a importância do tema, pois combater as violências de gênero é dever de todos. Ao final, peça um feedback rápido de cada equipe, para que cada uma compartilhe uma palavra que resuma o que aprenderam.

"MEMORIAL DAS MULHERES INVISÍVEIS"

Visibilizando mulheres heroínas e anônimas do Ceará através da criação criativa e coletiva de um mural vibrante que honra a força feminina cearense, promovendo empatia e reconhecimento.

AULA 20

MATERIAIS NECESSÁRIOS

Cartolina ou papel kraft grande (para o mural); Fotos impressas das mulheres cearenses selecionadas; Recursos para colagem: cola, tesoura, canetas coloridas, glitter, tecidos; Biografias resumidas de mulheres icônicas do Ceará (ex.: Rachel de Queiroz, Bárbara de Alencar, Preta Tia Simoa, Dandara dos Santos, Natany Alves, Maria da Penha, Yanny Brena; inclusive, você e a turma podem solicitar fotos e pequena biografia de outras heroínas, artistas, líderes comunitárias, professoras e funcionárias da escola).

OBJETIVO GERAL

Produzir um cartaz-mural colaborativo para ser exposto no pátio da escola como forma de valorizar a contribuição de mulheres cearenses em diferentes contextos.

Tempo previsto
2H/A

ROTEIRO DIDÁTICO

ABERTURA DA AULA: Explique para a turma a proposta da última aula da eletiva, na qual em conjunto será produzido um mural coletivo. Diga que cada um poderá contribuir confeccionando, dando ideias, pesquisando e etc. Questiona para a turma: "Quem são as mulheres que fazem nossa história, mas não aparecem nos livros?". Enfoque que a História do Ceará é feita por incontáveis mulheres, sejam históricas, da cultura, anônimas, jovens ou contemporâneas que tecem os rumos da nossa sociedade. Para a melhor condução desse momento, sugiro que, se a escola tiver um laboratório de informática e bom suporte técnico, reserve esse espaço e as(os) levem para lá para que a turma possam acessar os computadores para pesquisa e confecção do mural. Divida a turma em 4 equipes, e oriente que cada grupo pesquise o tema orientado e fique responsável por uma determinada seção do mural:

- Grupo 1: Mulheres cearenses históricas + Biografias curtas (de 3 a 5);
- Grupo 2: Mulheres cearenses comuns + pequeno relato de vida (ex.: "Sou Maria, vendedora da feira do Benfica, sustento 3 filhos") - de 3 a 5 mulheres;
- Grupo 3: Mulheres cearenses contemporâneas + Frases de impacto (de 3 a 5);

- Grupo 4: Decorações para as bordas do mural como símbolos cearenses (sol, jangada, cajueiro, feminismo, e o que a criatividade permitir).

DESENVOLVIMENTO: Para criar o mural, faça a organização do espaço e distribua materiais de colagem que poderão ser impressos na própria escola após a pesquisa das equipes (desde que a escola disponibilize tais impressões). Durante a montagem do mural, inclua espelhos pequenos nele com a frase "Você também faz parte dessa história".

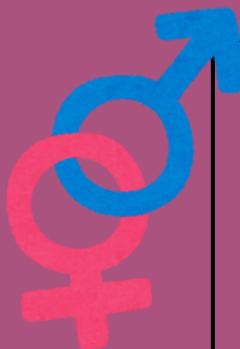
*** Respeito à diversidade: Inclua mulheres negras, indígenas, LGBTQIA+ e com deficiência. ***

ENCERRAMENTO: Finalizem o mural e fixem ele no pátio ou algum lugar bem visível da escola para que fique exposto para o máximo de pessoas da comunidade escolar notá-lo e apreciá-lo.

PARA COMEÇO DE CONVERSA: GÊNERO EM PAUTA

A discussão a respeito da questão de gênero e sua relação com as violências contra as mulheres ainda é bastante complexa e precisa ser questionada de forma mais pontual, já que as mulheres são as principais vítimas das chamadas violências de gênero. Muitas relações de opressões e violências se estabelecem e se constituem na categoria de gênero, e para melhor compreendê-las vê-se preciso entender seus vínculos.

Descomplicando GÊNERO



Simone de Beauvoir, filósofa francesa, em sua obra "O segundo sexo" apresenta um discurso subversivo e progressista sobre as mulheres, tornando-se um dos argumentos fundadores dos estudos de gênero. De modo simples e fácil, a historiadora norte-americana Joan Scott interpreta gênero como "a lente de percepção através do qual, nós ensinamos os significados de macho/fêmea, masculino/feminino" (Scott, 2012, p. 332).

“

"Não se nasce mulher torna-se mulher!"
Beauvoir, 1949.

”



Figura 24



TRADUZINDO...

Gênero significa que homens e mulheres são produtos históricos, culturais e sociais. É o conjunto de representações simbólicas e seus significados que, de fato, estabelecem concepções de masculino e feminino, formando um sistema de gênero que abarca um conjunto de normas, discursos, práticas e condutas de como devem ser esses sujeitos. Ou seja, a construção sociocultural do gênero e de suas relações simbolizam as atividades e comportamentos ditos como masculinos e femininos e se tornam os principais responsáveis por determinar o "ser mulher" e a posição das mulheres em cada sociedade.

Logo,

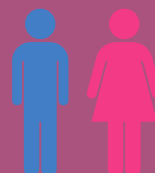
GÊNERO



SEXO

A antropóloga norte-americana Margareth Mead (1949) defende que a forma como mulheres e homens, seres culturais, se comportam em determinada sociedade diz respeito a um aprendizado imposto ao indivíduo durante seu processo de socialização ao longo de sua vida, precisamente na infância e na juventude. Nessa perspectiva, todo ser humano nasce e morre, mas é na fase compreendida por socialização que cada pessoa aprende os significados de seu gênero.

E ONDE VAMOS APRENDER SOBRE NOSSO GÊNERO?



- ① Família;
- ② Escola;
- ③ Ciclos sociais;
- ④ Igreja;
- ⑤ Mídia;
- ⑥ + instituições sociais.

RESULTADOS DE ACORDO COM HELEIETH SAFFIOTI, 2015:



Para os meninos

- Incentivados à vida pública;
- Crença de que devem exalar "força" e "coragem";
- Comportamentos autodestrutivos;
- Agressividade e dominação como características "naturais";
- Maior propensão à violência;
- Preconceitos sobre aquilo que foge das normas da masculinidade;
- Normalização das violências de gênero.

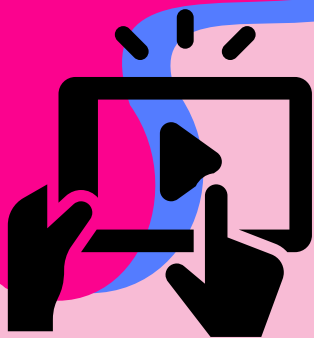


Para as meninas

- Confinamento a vida privada;
- Estimuladas a adotar comportamentos dóceis e passivos;
- Vistas como "esposas", "mães" e "cuidadoras";
- Crença de que são "dependentes" e "submissas" aos homens;
- Limitação da autonomia e liberdade feminina;
- Profissões ditas "femininas" menos remuneradas;
- Normalização das violências de gênero.

RESUMINDO...

O gênero produz as relações sociais que estabelecem e validam a dominação masculina e a opressão das mulheres. E sua compreensão é precisa para o diagnóstico, compreensão e extirpação das violências contra as mulheres. Pois, essas violências nos diversos espaços sociais são exemplos expressos dos efeitos decorrentes das relações de gênero, já que essas relações constroem a um só tempo os agressores e as vítimas. Visto que, "é o gênero que vem sendo o principal responsável por determinar o lugar das mulheres na sociedade" (Lerner, 2019, p. 42). Logo, precisamos parar de educar meninos e meninas de maneiras radicalmente distintas! Assim, desnaturalizar e desconstruir as diferenças de gênero são **ESSENCIAIS**! É necessário **QUESTIONAR** as desigualdades, e não se conformar com elas.

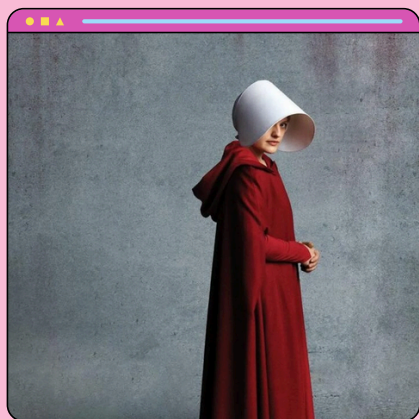


INDICAÇÕES

DE MÍDIA

O CONTO DA AIA

Figura 25



A série narra uma história que se passa em um futuro distópico gerido por uma facção cristã reacionária chamada de Gilead que estabelece uma nova ordem social ao tomar o poder nos Estados Unidos. Nesse regime, as mulheres perdem todos os seus direitos e são totalmente submissas e controladas. No entanto, o mais marcante no enredo é a luta de June Osborne e de outras aias que fazem de suas sobrevivências não uma opção, mas uma obrigação para a resistência operar, um último alento de esperança em um terrível mundo opressor dominado por homens. A série é chocante e cheia de críticas sociais sobre machismo, autoritarismo e liberdade.

EU NÃO SOU UM HOMEM FÁCIL

Figura 26



O filme conta a história de Damien, um homem machista e cheio de privilégios. Após bater a cabeça, ele acorda em um mundo invertido, onde as mulheres ocupam todas as posições de poder e os homens enfrentam o sexismo cotidiano. Nesse novo cenário, Damien experimenta na pele o que antes fazia com as mulheres. A trama usa humor e ironia para provocar reflexões sobre desigualdade de gênero, machismo e papéis sociais. É uma comédia francesa divertida e crítica, disponível na Netflix.

DE GRAVATA E UNHA VERMELHA

Figura 27



Documentário brasileiro dirigido por Miriam Chnaiderman e lançado em 2014. Essa produção explora as múltiplas formas como indivíduos reconstroem e celebram seus corpos, desafiando as normas tradicionais de gênero. Guiados por Dudu Bertholini — que se autodenomina *genderfucker* e desafia convenções com seus caftans exuberantes —, mergulhamos em um mosaico de existências que transcendem categorias. A obra não apenas retrata a diversidade, mas a tece como um manifesto vivo do que é habitar um corpo sem fronteiras no século XXI.





É INCONCEBÍVEL ENFRENTAR AS VIOLÊNCIAS CONTRA AS MULHERES SEM OS MOVIMENTOS FEMINISTAS, QUE APESAR DE SUAS VÁRIAS VERTENTES EXISTENTES, SE APROPRIARAM DESSA LUTA E FEZ DELA SUA PRINCIPAL BANDEIRA.

A partir do século XIX, o feminismo veio à tona como movimento organizado e plural, sendo responsável por debater o papel das mulheres, pela institucionalização dos direitos femininos e capaz de demonstrar à sociedade que as desigualdades acometem as mulheres desde dentro do ambiente doméstico sob a autoridade masculina até nos espaços públicos, onde as mulheres estão suscetíveis às violências, assédios, subjugação e opressão de todo tipo.

⚡ GRL PWR ⚡



🔍 MAS, AFINAL, O QUE É O FEMINISMO? ✕

De acordo com a historiadora brasileira Jacilene Silva, podemos definir o feminismo enquanto um movimento social e político que “reivindica a libertação da mulher de todos os padrões e expectativas comportamentais baseadas na discriminação de gênero” (Silva, 2019, p.1), compreendendo a associação entre luta, militância e fundamentação teórica, responsável pelas grandes mudanças e conquistas de direitos nos últimos dois séculos, precisamente no século XX. Nesse sentido, “o feminismo assumiu e criou uma identidade coletiva de mulheres, indivíduos [...] com um interesse compartilhado no fim da subordinação, da invisibilidade e da impotência, criando igualdade e ganhando um controle sobre seus corpos e sobre suas vidas” (Scott, 1992, p. 67-68).

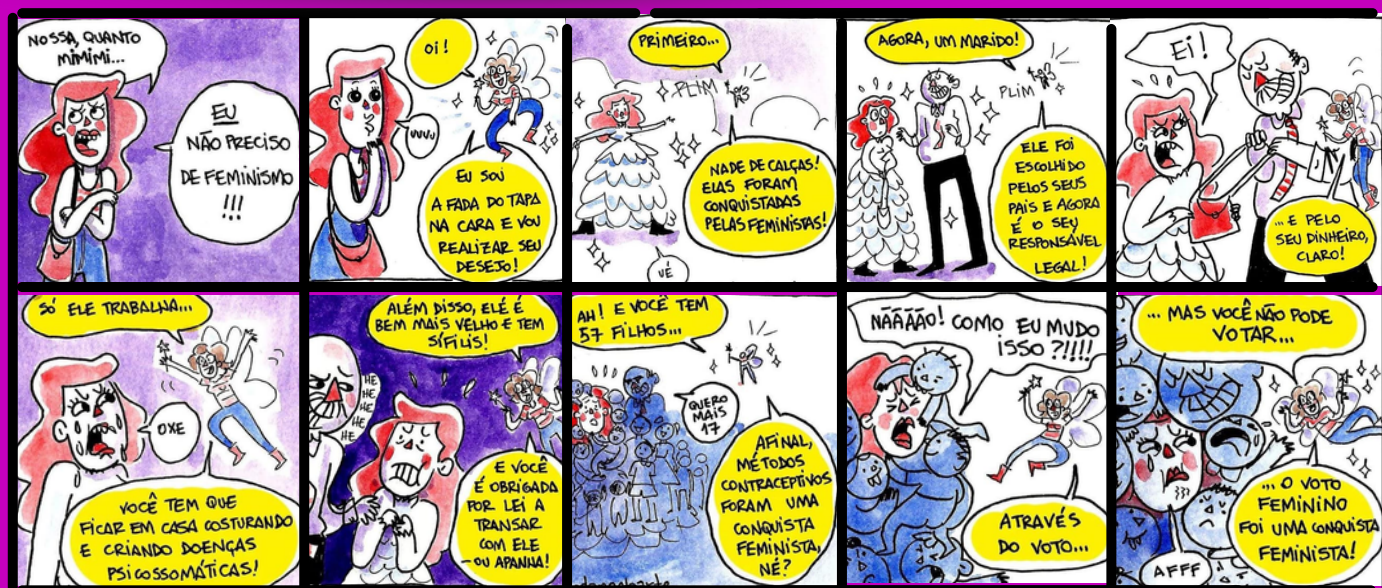
🔍 O QUE O FEMINISMO REIVINDICA? ✕

Firmada a lutar contra a designação de “sexo frágil” criada pelo imaginário social, contra as desigualdades de gênero, a favor da emancipação feminina e da ampliação de direitos.





QUEM PRECISA DO FEMINISMO? :



@helodangeloarte

TRAJETÓRIA DO FEMINISMO NO BRASIL

Sufrágio feminino

Ao questionarem os papéis de submissão e passividade impostos às mulheres, que estavam relegadas e restritas ao espaço privado, no Brasil, em 1932, as mulheres, até então impossibilitadas de participar ativamente das decisões políticas da sociedade, conquistam o sufrágio feminino e consequentes direitos políticos, apesar de todas as oposições mais conservadoras enfrentadas. O 1º Código Eleitoral brasileiro é fruto da obstinada luta e vitória do movimento sufragista no Brasil.



Figura 28

A cearense Aldamira Guedes foi a primeira mulher eleita por voto direto no Brasil, em 1958, tornando-se prefeita de Quixeramobim-CE.

O privado é político!

Politizando o “pessoal”, as feministas brasileiras, após 1970, se interessaram pelas discussões acerca das relações de poder, da inferioridade condicionada às mulheres, e como o patriarcado se tornou o sistema responsável por essa opressão. É a partir desse momento que a pluralidade de vozes femininas, perpassando a identidade negra, lésbica, indígena, transgênero e outras, se unem com o objetivo de se articular e discutir sobre as diversas discriminações e temas sensíveis que historicamente assolam o público feminino e ainda persistem, como a problemática da violência de gênero contra as mulheres.



Figura 29

Combate à violência

Para o feminismo brasileiro da atualidade, a questão das violências contra as mulheres se tornou sua principal identidade e bandeira fixa de luta. O século XXI, reivindica a problemática, tratando a violência de gênero contra as mulheres não apenas àquela restrita ao espaço privado/familiar, mas, sim, como algo mais amplo, que inclui todos os âmbitos que rodeiam e afetam as mulheres na sociedade no geral.

É apenas nos anos de 1970, sob a conjuntura política de uma das ditaduras mais cruéis e repressivas da América Latina, acompanhando o contexto global de mudanças significativas em vários âmbitos da sociedade, que as feministas brasileiras, sejam ligadas a grupos militantes e organizações de esquerda ou membros de universidades que simpatizavam com o combate à ditadura, intervêm nesse período com uma postura mais crítica entre o ativismo e a necessidade de novas reflexões. A partir desta circunstância, as feministas de diversas partes do Brasil, influenciadas pela I Conferência Mundial sobre a Mulher, realizada na Cidade do México em 1975, que consolidou a questão da violência contra as mulheres como uma pauta importante a ser tratada dentro do movimento, começaram a se mobilizar, tanto nas esferas políticas quanto sociais, para denunciar as violências de gênero que atingiam as mulheres dentro do país, como a violência doméstica e a própria violência praticada por agentes do Estado, temas até então omitidos das discussões públicas.

34,8%

O Brasil ocupa o 5º lugar no ranking mundial de feminicídio

A média é de 13 mortes por dia
(ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS DIREITOS HUMANOS, 2019)

de mulheres pretas sofrem mais violência doméstica do que brancas.

(INSTITUTO HISTÓRICO E GEOGRÁFICA BRASILEIRO, 2021)

A CADA 7,2 SEGUNDOS

+18.000.000

DE MULHERES SOFRERAM ALGUMA FORMA DE VIOLÊNCIA NO ANO DE 2022
(FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA, 2023)

uma mulher é vítima de violência física no Brasil
(RELÓGIO DA VIOLÊNCIA, 2013)



VIOLÊNCIA DE GÊNERO CONTRA AS MULHERES

A violência de gênero é um problema social grave persistente, presente em todos os momentos da história e que atinge o mundo quase como um todo. Contudo, apesar de não serem os únicos sujeitos atingidos (também abarcam lésbicas, gays, bissexuais, transgêneros e travestis), as mulheres são as mais afetadas por tais violências, compondo as vítimas preferenciais. Essa forma de violência é uma das maneiras como a própria violência em geral se manifesta no seio da nossa sociedade, e que busca manter relações de poder desiguais entre os gêneros, além de controle e dominância para com as mulheres. As violências praticadas contra elas funcionam como um mecanismo para se fazer manter os privilégios masculinos sobre as mulheres em evidência em todos os âmbitos públicos e privados. Isto posto, acontece pela simples condição de a vítima ser mulher e as razões, no geral, são sentimentais e íntimas, tais como o ódio, ciúmes, raiva, perda de posse, entre outras mais. Mulheres se tornam tão somente um objeto e perder o controle sobre seus corpos, suas sexualidades e suas mentes, muitas vezes, é algo inaceitável na ótica masculina do agressor. O que acaba implicando quase sempre em situações de impotência, intimidação, medo e angústia para as mulheres. Por esse ângulo, a violência de gênero contra as mulheres correspondem a todo tipo de violação de integridade e dos Direitos Humanos, seja qual for sua natureza e/ou expressão (física, verbal, sexual, moral, política, simbólica, patrimonial, psicológica), estando ainda presente nas práticas, falas, mentalidades e nos costumes da própria sociedade, e são formas suaves de se matar mulheres a curto ou longo prazo. E, apesar, de atingir o Brasil democraticamente esse problema vem crescendo e fazendo o Ceará se destacar de forma negativa e preocupante no cenário nacional.

A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES EM NÚMEROS NO CEARÁ

42,50%

de aumento na morte de mulheres entre os anos de 2017 e 2018.

(ASSEMBLEIA LEGISLATIVA DO CEARÁ)

**A CADA 2 DIAS 1 MULHER
SOFRE ALGUMA VIOLÊNCIA**

(REDE DE OBSERVATÓRIOS DA SEGURANÇA, 2025)



76

registros de feminicídios somente nos 3 primeiros meses de 2024.

(SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA E DEFESA SOCIAL DO ESTADO DO CEARÁ, 2024)

**1 ESTUPRO
A CADA 38
HORAS**

em via pública nos últimos 6 anos. 87,3% do total das vítimas são mulheres.

(SECRETARIA DA SEGURANÇA PÚBLICA E DEFESA SOCIAL DO ESTADO DO CEARÁ, 2024)



MATERIAL DE APOIO

A obra produzida pelo Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece) apresenta, de forma didática, as mais diversas formas de violências vivenciadas por meninas e mulheres, de que forma essas violências podem impactar suas vidas, o perfil dos agressores e das mulheres agredidas, além das Leis que protegem essas mulheres e os locais onde elas podem denunciar e procurar por ajuda. E está disponível para download no link: <https://omce.al.ce.gov.br/index.php/publicacoes/cartilha-mulher-sua-voz-tem-forca>



Figura 30

Esta cartilha didática também foi produzida pelo Instituto de Estudos e Pesquisas sobre o Desenvolvimento do Estado do Ceará (Inesp), da Assembleia Legislativa do Estado do Ceará (Alece) e tem como propósito esclarecer o conceito e as diferentes formas de violência política de gênero, trazendo exemplos concretos e atuais, detalhando a legislação aplicável nas esferas nacional e estadual, examinando projetos de lei em tramitação e mapeando as ações do Governo do Estado do Ceará no enfrentamento desse problema. Além disso, o material oferece dados atualizados sobre a presença de mulheres em cargos de poder, indica canais de denúncia e explora as decisões judiciais mais relevantes dos últimos cinco anos sobre o tema. Para baixar no formato digital acesse:

<https://www.al.ce.gov.br/noticias/49100-livro-do-inesp-sobre-violencia-politica-de-genero-e-lancado-na-bienal-do-livro>

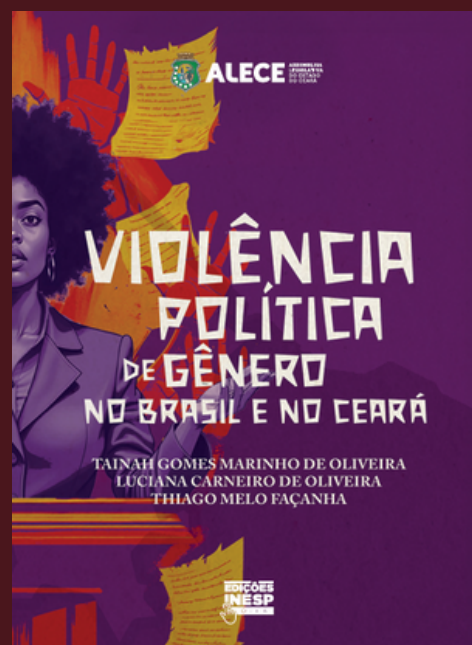


Figura 31





INDICAÇÕES DE JOGOS



FAST FOOD DA POLÍTICA - MOLHO ESPECIAL

Figura 32



A Fast Food da Política é uma organização criada e administrada por mulheres que tem como missão difundir a utilização de processos pedagógicos dinâmicos e lúdicos - como os jogos de mesa - como instrumentos para o aprendizado rápido e eficaz sobre o funcionamento do sistema político brasileiro e seus mecanismos. Com a compreensão da necessidade de se construir jogos que abordem as questões sociais da relação entre Mulheres e Política, elaboraram o projeto "Molho Especial", que desenvolve jogos e oficinas com a temática de Gênero e Política, em específico. O projeto contempla cinco jogos com seus manuais e as facas gráficas para impressão, ambos gratuitos e

disponibilizados online, são eles: "Direitos e Silêncios" que trata sobre a legislação da mulher brasileira, "Queda do Patriarcado" alude sobre o gênero e o sistema social em que vivemos, "Jogo das Vozes" versa sobre sistema eleitoral e representatividade feminina, "Mulheres no Poder" aborda sobre política institucional e as mulheres no poder e "Feminismo Indefinido" expõe sobre o feminismo e suas vertentes. Os jogos possuem restrição de idade, sendo destinados ao público maior de 16 anos, portanto, do Ensino Médio quando for aplicado nas escolas.

Para acessar e baixar o manual entre no site: <https://transforma.fbb.org.br/tecnologia-social/fast-food-da-politica-educacao-politica-acessivel-e-ludica>. E procure a seção Anexos "Jogos sobre Gênero e Política (facas gráficas e manual)". Prontinho! O download estará nos arquivos do seu computador.



GAME OVER

PATRIARCADO: AS RAÍZES HISTÓRICAS DA OPRESSÃO FEMININA

“O patriarcado, enquanto sistema político e social responsável pela organização de sociedades ocidentais “em sua definição mais ampla, significa a manifestação e institucionalização da dominância masculina sobre as mulheres e crianças na família e a extensão da dominância masculina sobre as mulheres na sociedade em geral. A definição sugere que homens têm o poder em todas as instituições importantes da sociedade e que mulheres são privadas de acesso a esse poder. Mas não significa que as mulheres sejam totalmente impotentes ou privadas de direitos, influência e recursos” (Lerner, 2019, p. 295).

O vínculo entre patriarcado e as violências contra as mulheres

Como sistema de dominação-exploração, o patriarcado se torna responsável pelas opressões presentes no seio da sociedade brasileira, que subjagam mulheres e que as tornam suscetíveis a vivenciar situações específicas que envolvem violências. Dado que, as relações de gênero no Brasil estão permeadas pela dominação masculina. Logo, o patriarcalismo e seus valores culturais, que ainda hoje vigoram, é um dos mais fortes operadores da violência de gênero nas relações sociais. Porém, o patriarcado, sendo uma questão histórica está em permanente transformação, e para que possa ser entendido, procura-se voltar ao passado da História do Brasil. Visto que, a colonização do Brasil apresenta uma das principais raízes do patriarcalismo na história brasileira e que nos informa muito mais sobre nossas questões sociais e práticas culturais vigentes do que qualquer outra teoria estrangeira, além de nos trazer importantes contribuições e reflexões críticas para o debate.

Brasil Colonial

Patriarcado à brasileira



O entendimento das raízes do Patriarcado, que surge no contexto brasileiro durante a colonização, é a porta de entrada para compreendermos a constituição das relações de gênero no Brasil, a violência que delas derivam e os grandes impactos que foram gerados na posição e condição das mulheres.

E os portugueses invadem o Brasil...

No século XVI, a expansão marítima e comercial europeia possibilitou o encontro com o "Novo Mundo". Como efeito, após a chegada em terras brasileiras e os primeiros contatos com os povos indígenas, a colonização contrafeita fez com que surgisse a necessidade da metrópole portuguesa povoar o imenso território recém invadido a fim de assegurar sua defesa e a expectativa de exploração das riquezas locais. Logo a preocupação se voltou em dividir e distribuir as terras e destinar seus domínios a alguns homens de confiança do rei de Portugal, de forma vitalícia e hereditária, tornando-os responsáveis por transformar a colônia em grandes feitorias.



Figura 33

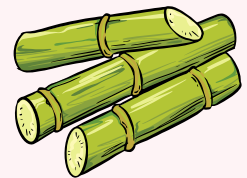


Figura 34

-- “ --

Em 1533, o rei dom João III deu início ao sistema das capitâneas hereditárias. Ele dividiu a costa brasileira em quinze parcelas e doou-as a doze fidalgos portugueses para que as administrassem. A esses capitães-donatários foram outorgados certos direitos e privilégios de autoridade soberana, condicionados à obrigação de colonizar, povoar e desenvolver a economia de seus territórios (Schwartz, 1988, p. 31).

-- ” --



Enquanto isso, no Nordeste, devido a economia açucareira, se consolida os **Senhores de Engenho**.

Apesar de nesse momento os resultados da empreitada do sistema de capitâneas terem sido desapontadores em razão de vários problemas encontrados, as novas estratégias tomadas, posteriormente, fizeram com que a colonização continuasse sendo realizada basicamente por homens. Em consequência, estes tornaram-se senhores colonos que passaram a concentrar riqueza e poder sobre as extensas propriedades rurais destinadas a eles, também ficando conhecidos como os “mandões locais”, sinônimo de solidez dentro da sociedade colonial.



Figura 35

Família Patriarcal

No modelo e projeto colonial brasileiro, a marca da vida rural é evidente na formação social brasileira e a **estrutura familiar patriarcal** foi o principal arranjo básico que organizou e configurou as demais estruturas sociais do país, na qual constituía o núcleo do latifúndio rural. O **patriarca** (pai/chefe da família) possuía **absoluta autoridade e poder** sobre os demais membros da família, escravos, agregados e criados. Quanto a ele, exigia respeito e obediência cega de todos seus dependentes, em troca de sustento e proteção. Assim, criou-se uma hierarquia social como forma de garantir a diferença social propagados como fatos naturais. Essa naturalização, consequentemente, colocavam as mulheres em desvantagem, as subordinando e controlando-as.

Figura 38



Figura 39

As mulheres

Consideradas “naturalmente” subordinadas aos homens, as **mulheres brancas** desempenhavam um papel fundamental dentro da instituição familiar, mas deveriam se contentar a **funções secundárias** que estavam restritas ao ambiente doméstico, como o comando dos afazeres domésticos, preparação dos alimentos, organização e limpeza da casa e cuidado e criação dos filhos. Ademais, era exigido e cobrado uma imagem “decente” e “pura” dessas mulheres, uma vez que a honra da família era vinculada à honra das mulheres. Caso contrário, a lei permitia ao marido matar a mulher se esta o traísse, e os que não desejassem adotar medidas tão extremas podiam encontrar outras formas de controle para punir suas mulheres, filhas e irmãs.

Para as **escravizadas** que chegaram vivas em território brasileiro se era legalizado explorar suas mãos de obra em cruéis jornadas de trabalho, retirar suas totais liberdades, negar-lhes o mínimo de dignidade humana, as comprar, vender e penhorar, além de as vigiar e punir sob toda e qualquer alegação. Com isso, para elas, somava-se a **violência racial**, iniciada com o tráfico de escravos, e a **violência de gênero**, resultante das desigualdades de gênero já presentes na incipiente colônia. Essa somatória resultou em violências perpetradas pelos senhores de escravos, seus familiares e agregados contra as mulheres negras, na qual além do trabalho compulsório também enfrentaram a exploração sexual por meio da hipersexualização e do estupro; castigos e espancamentos no tronco. Atos violentos que eram vistos como naturais, já que essas mulheres não eram donas de seus próprios corpos e nem de suas próprias vontades. Criaram-se verdadeiras fazendas de estupro, onde mulheres negras eram violentadas sexualmente para satisfazer os desejos de seus senhores. Porém, esse “comércio de almas” abarcava não só mulheres negras, mas as indígenas também, ambas serviam como instrumento de prazer e gozo.



Figura 36



Figura 37

“ Nos tempos coloniais, o Brasil foi uma sociedade marcada pelo claro desequilíbrio sexual. [...] Tal desproporção produziu uma sociedade dada a formas violentas de relação sexual, e condicionadas por uma divisão desigual e rigorosa entre homens e mulheres. Mulheres brancas deveriam permanecer no “recato do lar” e servir a seus maridos, engravidando rápido e envelhecendo ainda mais precocemente. Já sobre as negras sempre pairou o preconceito expresso num dito popular corrente na época: “As brancas são para casar, as negras para trabalhar e as mulatas para fornicar” (Schwarcz, 2019, p. 193-194). ”



Opressão e violências

Essas vivências históricas brevemente narradas permeadas das relações de gênero já existentes, foram responsáveis por criar estereótipos para homens e mulheres (para eles: naturalmente agressivos, provedores, independentes e fortes; para elas: frágeis, obedientes, submissas, sexualizadas e dependentes) e estabelecer preconceitos que, de forma direta ou indireta, induzem práticas de violências contra as mulheres. O poder absoluto tanto social, econômico e político que os senhores patriarcais exerciam sobre suas terras e fazendas prolongou-se a outros domínios como da mentalidade, do controle e do corpo feminino, seja de seus esposas, suas filhas, escravas, dependentes e afins.

As mulheres brasileiras por cinco séculos vem moldando suas vidas e agem sob o "guarda-chuva" do patriarcado, e se caso venham a não seguir os padrões, regras e normas estabelecidas, os homens sentem-se no direito de fazer uso de recursos para punir e reprimir uma possível "revolta das Amélias". Outrossim, "o pensamento patriarcal é construído de tal modo em nossos processos mentais, que não podemos excluí-lo se não tomarmos consciência dele, o que sempre significa um grande esforço" (Lerner, 2019, p. 61).



Figura 40

As violências contra as mulheres eram práticas tão comuns que criou-se uma nação profundamente violenta, machista, racista e desigual que se mantém na estrutura social entre o passado e o presente através das permanências perversas de nossa história. Por conta disso, as relações de gênero e seu vínculo com o patriarcado seguem mais atuais do que nunca, sendo reforçados pelos costumes, hábitos, silenciamentos e crenças propagados desde então que visam perpetuar a manutenção de privilégios masculinos, não somente na esfera familiar, mas sim no corpo social como um todo.



Figura 41

Figura 42

As Ordenações Filipinas (1603-1830), e o Código Civil Brasileiro (1916-2002), são claros exemplos dos resultados dessa cultura patriarcal que se reverbera em todos os setores da sociedade, aqui no caso jurídico, impondo situações absurdas às mulheres brasileiras até muito recentemente. Esse conjunto de leis dava o direito legal aos homens de matar suas esposas e considerava as mulheres seres relativamente incapazes.

As discriminações, desrespeitos, abusos sexuais, agressões físicas, assédios morais e verbais diários revelam a condição histórica das mulheres que é comprovada por meio das estatísticas assustadoras dos dias atuais. Tal realidade é comum no Brasil, que por não enfrentar e não combater práticas e valores patriarcais, autoritários, misóginos e machistas cria cúmplices e aliados sociais. Mesmo com todas as conquistas feministas dos últimos anos, a banalização das violências contra as mulheres perdura, e nunca são casos isolados e nem pontuais. Com tais averiguações históricas podemos apreender que o patriarcalismo se apresenta como uma das raízes mais antigas e profundas deixadas pelo sistema colonial para a experiência social brasileira, que ainda nos fornece informações sobre os dias atuais, embora frequentemente negada para mascarar a realidade que teima em se mostrar muito naturalizada. Resta-nos observar que, apesar da história não poder dá conta de responder pelos dados do presente, no entanto, denuncia como a formação da sociedade brasileira definiu o patriarcalismo como regime masculino de domínio político-sócio-econômico e como essa dominação não só foi responsável pela subordinação das mulheres, como também historicamente evoluiu para a sub representação e invisibilidade das mulheres enquanto agentes históricos, as relegando a espaços marginalizados e propensos a todo tipo de opressões e de violações.





CORONELISMO

ESTRUTURAS DE PODER E SUAS
RELAÇÕES DE DOMINAÇÃO NO CEARÁ



A História do Ceará também é uma história patriarcal de feição tradicional que se divide entre dominadores e dominados. Desse modo, os “dominadores” se esmeraram em realizar uma colonização no Ceará extremamente violenta, pois usurparam as terras indígenas e os exterminaram com o objetivo de explorar as riquezas locais. Desse modo, no ano de 1535, surge a **Capitania do Siará Grande**, mas a sua colonização, de fato, só vai começar em 1603, pois até esta data não haviam tido expedições oficiais nas terras cearenses. Logo, a ocupação do território cearense, que era estratégico-militar aconteceu lentamente devido à sua grande extensão, aos limitados recursos da época e em virtude das condições climáticas do semiárido que ocasionaram grandes períodos de seca que assolavam a região periodicamente. Porém, muito antes disso, o Ceará já era morada de povos indígenas como os Tabajaras, Potiguaras, Tremembés, Karirís, Aimorés e muitos outros que exerceram forte resistência, travando intensos conflitos e dificultando o processo de ocupação do território pelos invasores europeus.



Figura 43



A marcha do gado

Nos séculos XVII e XVIII, houve a penetração do interior do território cearense com o objetivo de impulsionar a produção agrícola e pastoril. Uma vez que a pecuária extensiva era um empreendimento mais barato que a cana-de-açúcar para os cofres da metrópole portuguesa, e que se adaptava bem à vegetação e ao clima local. Em seguida, precisamente no século XIX, o incentivo ao cultivo e comércio do algodão também se intensificou e se expandiu rapidamente, favorecendo os fazendeiros locais e revelando a potencialidade do sertão cearense que se tornou referência da produção algodoeira durante o período imperial no Brasil. Assim, com o comércio da criação de gado e do charque já sendo as principais atividades econômicas locais ao longo dos séculos XVIII e XIX, surge a função do vaqueiro, que é de extrema necessidade para a vida sertaneja, tanto que, até hoje, é o grande símbolo associado aos sertões. Bem como fortaleceu os donos de grandes latifúndios, uma das principais marcas da vida colonial cearense, alguns desses homens tornaram-se poderosos fazendeiros locais que detiveram as melhores posições de mando e desmandos tanto na esfera política como social.

Capistrano de Abreu usou a expressão “Civilização do Couro” para se referir ao Ceará, devido à importância histórica e econômica do couro na formação da cultura e economia local.



Raízes rurais e patriarcais

Figura 44



Ao longo dos séculos a sociedade cearense vai se formando latifundiária, rural e sertaneja, tendo nas fazendas a unidade econômica e social representada por cada família que lá morava, era onde imperava a vontade dos senhores proprietários, os nossos primeiros coronéis” (Farias, 2012, n.p.). Mesmo quando o Ceará vai se

urbanizando, as marcas da vida rural são levadas e adaptadas ao cotidiano moderno das cidades.

O patriarcalismo oriundo da colonização portuguesa também se fez presente e característica marcante da sociedade e das relações socioculturais estabelecidas no Ceará, fazendo com que tudo girasse em torno do senhor da fazenda, pai e chefe da família, e em alguns casos também chefe local, entidade central da vida social, que inicialmente possuía um poder absoluto. Portanto, as raízes do poder local e do mandonismo político que se firmou no Ceará foram resultados da tradição patriarcal lusitana já transportada para a brasileira, do tipo de ocupação empreendida e apropriação forçada da terra.

Coronéis

O século XX é conhecido no Nordeste pela aparição e ascensão de figuras emblemáticas que até hoje compõem o cenário regional, os coronéis que ainda na atualidade dominam politicamente parte de municípios do interior nordestino, apesar de mais enfraquecidos e de algumas adaptações aos novos tempos. Quanto ao Ceará esse fenômeno político e social se desenvolveu com mais intensidade, assumindo “proporções estorrecedora (Macedo, 1992). O coronelismo designa, no Brasil, o tipo social do grande proprietário rural de comportamento despótico e patriarcal que, por força do consenso geral de um sistema de obrigações e favores, confunde em sua pessoa atribuições de caráter privado e público” (Sandroni, 1994, p. 76). A patente de coronel, de forma oficial, era concedida pelo Exército, mas houveram casos em que certos coronéis foram designados como tais por terem comprado o título ou pelo próprio reconhecimento da população. No Ceará, a criação do posto data do ano de 1699 por Dom Fernando, então Governador de Pernambuco e demais Capitanias anexas. Porém, o título não era para qualquer um, estava reservado para ricos fazendeiros, comerciantes ou industriais que também representavam uma forte liderança local, era uma estratégia de legitimar ainda mais os poderes destes.

“O chefe, o patriarca, o coronel, é aquele que domina a estrutura familiar e que lhe consegue transmitir tranquilidade, segurança, vigilância, e ritmo dos dias serenos numa população que parecia constituir a família comum, com parentes turbulentos, brigões, arrebatados, mas, ao final, acomodados, submissos, ajustados à doce seqüência da vida triste feliz (Carone, 1971, p. 86).



Figura 45

ELAS no coronelismo

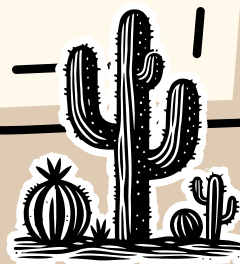
Embora o fenômeno do Coronelismo seja mais voltado ao protagonismo masculino, no Ceará houve uma manifestação coronelística particularmente pouco vista no cenário brasileiro. Fideralina Augusto Lima, ascendeu como coronela do sertão entre o final do século XIX e início do século XX, comandando a cena política da região onde morava no centro-sul cearense na cidade de Lavras da Mangabeira.



Figura 46

Coronelismo e violência

Os coronéis possuíam autoridade e controle para impor ordem sobre quase todos os aspectos e esferas da vida social da população local, principalmente no que tange às questões políticas. À sua volta, além de sua própria família, eram mantidos muitos dependentes, especialmente agregados pobres e sem acesso a informações, que em troca de favores, auxílio econômico, proteção ou de um pedaço de terra prestavam serviços e ofereciam lealdade política e obediência cega para esses grandes proprietários de terras que passavam a ser seus senhores. Em razão disso, por muito tempo a população cearense foi submetida aos coronéis. Esse complexo sistema de poder favoreceu a dominação masculina no Ceará e tornou a violência uma prática naturalizada e frequente. Posto que, para além da importância e prestígio, o poder dos coronéis se dava através de comportamentos e regras que fortalecem laços de submissão, tendo a violência como grande aliada quando outras estratégias de controle falhavam, uma vez que sua atuação era sinônimo de força e medo. As violências e hostilidades se voltavam contra os inimigos, mas, também, sobretudo, contra os seus subordinados, e elas poderiam ser desde cenas de intimidações e ameaças, morte nas guerras por terras, nas lutas políticas e nos conflitos de interesse e de dinheiro até ocorrências de opressão e repressão contra grupos subjugados. Logo, "o fundamento dessa sociedade, no mato e na rua, era a crueldade, a brutalidade, o nenhum respeito pela vida alheia, que tais senhores haviam adquirido na convivência com o gado abatido e sangrado" (Carvalho, 1999, p. 80).



CORPOS OPRIMIDOS, VOZES SILENCIADAS

Em virtude do coronelismo ter funcionado dentro de uma estrutura social profundamente patriarcal, as mulheres figuravam entre os subordinados. Frequentemente, vistas como propriedades ou figuras subjugadas aos homens, especialmente, dentro das famílias rurais e das relações de trabalho, as mulheres, além de postas como submissas, desempenhavam um papel secundário. Os lugares reservados para elas, independentemente se eram brancas, pobres, mestiças ou escravas, já eram determinados e estabelecidos com algumas distinções entre os papéis dessas mulheres. Todavia, não se permitiam contestações vindas destas, pois as regras para as suas existências eram impostas pelos homens, como comportamentos, atitudes, posturas e até pensamentos.



Mulheres brancas e ricas

Às mulheres de camadas privilegiadas era esperado um comportamento moral rígido e a preservação dos bons costumes, como forma de manter a honra familiar e o status social. Estereótipos esses que tem fortíssima influência dos pensamentos religiosos e pressão da Igreja Católica. O cotidiano de mulheres brancas, vistas como "damas" e futuras "senhoras", era receber uma educação exclusivamente dirigida para as tarefas domésticas e para o casamento. Como eram criadas apenas para a restrição das atividades do lar, praticamente não saiam de suas casas. Dado que, o casamento das moças era uma preocupação constante da família do sertão nordestino. Diante disso, as mulheres tinham a obrigação de, ainda bem jovens, casarem-se com um marido consentido pelo pai, tornarem-se esposas recatadas, procriarem o máximo de filhos que pudessem e serem mães cuidadosas.

Então, as mulheres e, principalmente, suas sexualidades, que eram objetos de preocupação e constante vigilância da família, passavam por um adestramento, assim como seus sentimentos e pensamentos eram domesticados e abafados.



Figura 48



Figura 47



Figura 49

Mulheres pobres e livres

Essas mulheres eram livres, mas pobres, e poderiam ser brancas ou mestiças. Apesar das diferenças sociais em relação às mulheres das elites rurais, o casamento ainda representava um valor estimado — embora, para as menos abastadas, fosse muitas vezes um sonho não realizado. Mesmo sendo consideradas inferiores aos homens sertanejos, ao se casarem ou viverem em concubinato, muitas participavam do “mundo do trabalho” e contribuíam ativamente com o sustento da casa e dos filhos, já que seus companheiros, também pobres, não conseguiam, sozinhos, manter a família como pregava a ideologia dominante. Por isso, elas eram frequentemente reconhecidas pelas funções que exerciam: costureiras, rendeiras, lavadeiras, fiadeiras, cozinheiras, até trabalhos considerados “masculinos” como roceiras e etc. Ainda “assim, mesmo desafiando os ideais femininos convencionais de seu tempo, permaneciam como sujeitos marginalizados submetidas a uma estrutura social opressiva e desigual, com autonomies restritas tanto no espaço doméstico quanto na esfera pública.

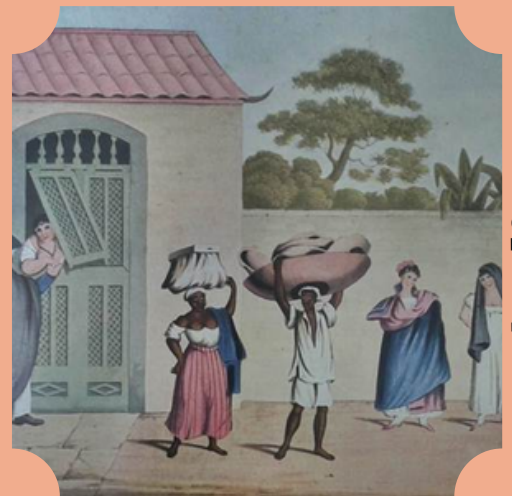


Figura 50

Mulheres negras escravizadas

Quanto às mulheres negras escravizadas, se tratava de poucas em comparação à população da época, tendo em vista que o Ceará, diferentemente de seus vizinhos, não foi uma província que comercializou em grande escala a mão de obra negra. Enquanto a vida de mulheres brancas ricas era marcada pela preparação para o casamento, e as populares se dividiam entre o trabalho doméstico e outros informais, as mulheres negras viviam desafios diferentes. Portanto, vindas da África ou nascidas aqui mesmo, desde a infância eram responsáveis por garantir o trabalho doméstico nas residências ou fazendas, a depender das decisões de seus senhores. A vivência das mulheres escravizadas no Ceará, assim como em outras partes do Brasil, foi marcada por uma grande combinação de sofrimento, resistência e luta pela sobrevivência em um sistema profundamente desigual e opressor. Essas mulheres enfrentavam múltiplas formas de violência e exploração. Além do trabalho forçado também



Figura 51

eram vítimas da violência sexual e da exploração de seus corpos, muitas vezes sendo estigmatizadas por sua condição e transformadas em objetos de uma violência acentuada. Muitas eram violentadas pelos seus senhores e tinham seus filhos, que também nasceriam escravizados, o que perpetuava o ciclo de escravidão.

MULHERES CEARENSES: RESISTÊNCIA, LEGADO E A LUTA CONTÍNUA



A experiência feminina no Ceará é atravessada por lutas e resistências desempenhadas por mulheres ao longo da história e a persistência de mecanismos opressivos enraizados no sistema patriarcal e coronelista que gerou no Ceará desigualdades perversas de gênero percebidas até os dias de hoje, em maior ou menor grau.

As histórias de Bárbara de Alencar, Preta Tia Simoa e Maria da Penha desafiam as narrativas tradicionais que relegaram mulheres à invisibilidade no Ceará e no Brasil. Cada uma, em seu tempo e contexto, enfrentou estruturas opressoras — colonialismo, escravidão e patriarcado — convertendo violências pessoais em lutas coletivas.

Bárbara, no século XIX, insurgiu-se contra o domínio português, tornando-se a primeira presa política do Brasil após liderar movimentos republicanos. Seu corpo torturado e sua resistência nas prisões simbolizaram a coragem de quem ousou desafiar um sistema que reservava às mulheres apenas o silêncio.

Já Preta Tia Simoa, mulher negra liberta no século XIX, articulou a Greve dos Jangadeiros de 1881, paralisando o tráfico de escravizados no porto de Fortaleza. Sua liderança acelerou a abolição no Ceará em 1884, quatro anos antes da Lei Áurea, desmontando o mito de um estado "sem negros". Seu protagonismo, porém, foi apagado por elites que buscaram branquear a história local, revelando como o racismo estrutural silencia até hoje vozes que desafiaram a ordem escravocrata.

Maria da Penha, por sua vez, transformou uma tragédia íntima em marco global. Sobrevivente de duas tentativas de feminicídio nas mãos do ex-marido, travou uma batalha de 19 anos por justiça. Sua luta resultou na Lei Maria da Penha (2006), instrumento vital no combate à violência doméstica, que inspirou políticas públicas e redes de apoio.

O que une essas mulheres, separadas por décadas ou séculos, é a capacidade de ressignificar a dor em potência política. Bárbara enfrentou correntes físicas; Simoa, correntes sociais; Maria da Penha, correntes simbólicas. Suas histórias mostram que a resistência feminina não se limita a conquistas legais, ela exige romper com culturas arraigadas. A "Terra da Luz", celebrada pelo abolicionismo pioneiro, ainda convive com sombras: o machismo disfarçado em piadas, a LGBTfobia naturalizada, a herança colonial que hierarquiza corpos. A memória de Bárbara, Simoa e Maria da Penha não deve ser apenas reverência ao passado, mas um chamado à ação. Como alerta a historiadora Lília Schwarcz (2019), é preciso que a sociedade civil rompa ciclos herdados da colônia e "aprimorados" na modernidade. Educar contra a violência, exigir políticas públicas efetivas e ampliar o acesso à justiça são passos urgentes. Afinal, a verdadeira homenagem a essas mulheres está em garantir que suas lutas não sejam esquecidas, mas multiplicadas, até que nenhuma voz precise gritar para ser ouvida.



Bárbara de Alencar

De matriarca do Cariri à primeira presa política do Brasil

Bárbara Pereira de Alencar: Uma Pioneira do Sertão

Nascida em 11 de fevereiro de 1760 na Fazenda Caiçara (Exu, PE), na fronteira com o Ceará, Bárbara era filha da indígena Theodora Rodrigues da Conceição e do português Joaquim Pereira de Alencar, membro de uma abastada família do sertão nordestino, donos de engenhos, rebanhos e cultivos de algodão. Branca, alta e forte, integrava a aristocracia rural, mas optou por fincar raízes no Ceará: ainda jovem, mudou-se para o Crato, onde desafiou convenções ao escolher seu marido, o comerciante português José Gonçalves dos Santos, contrariando a família.

Entre o Lar e o Poder

Viúva e mãe de cinco filhos, Bárbara uniu a educação doméstica à administração do Sítio Pau Seco, empreendendo na produção de cachaça e rapadura — papel incomum para mulheres da época. Sua força e autonomia renderam-lhe o epíteto de “mulher-macho”, símbolo de resistência ao patriarcado. Além disso, teve acesso raro à educação, mergulhando em ideais iluministas discutidos em círculos letrados.



Figura 52



Figura 53

Casa dos pais de Bárbara, onde ela nasceu em Exu - Pernambuco.



Figura 54

Casa onde Bárbara morou em Crato - Ceará.

Do Iluminismo à Revolução

A vida de Bárbara transformou-se em 1817, quando seu filho caçula, José Martiniano, retornou de Olinda impregnado de ideais liberais e republicanos. Influenciada por ele, abraçou a causa revolucionária, insurgindo-se contra a submissão do Brasil a Portugal. Sua trajetória, entre o sertão e a política, ilustra o protagonismo de uma mulher que transcendeu limites, unindo gestão, intelectualidade e rebeldia em defesa da liberdade nacional.

Atuação Revolucionária

Influenciada pelos ideais liberais trazidos por seu filho Padre José Martiniano, Bárbara uniu-se à Revolução do Crato (1817), transformando sua casa em quartel-general para reuniões secretas e oferecendo apoio logístico às tropas anticoloniais no Ceará. Em 3 de maio de 1817, protagonizou a declaração de independência da vila do Crato, rompendo simbolicamente com Portugal. Porém, em 11 de maio, as tropas portuguesas retomaram o controle, iniciando uma violenta repressão.



Figura 55

Perseguição e Martírio

Acusada de traição, Bárbara foi presa, torturada e exibida publicamente como exemplo de “mulher indecorosa” — humilhação que simbolizou a violência política de gênero da época. Encarcerada no Forte de Nossa Senhora de Assunção (Fortaleza - CE), tornou-se a primeira mulher presa por motivos políticos no Brasil, resistindo a interrogatórios brutais. Libertada em 1820, após perdão real, perdeu quase todos os seus bens, mas manteve-se firme em suas convicções.

AQUI GEMEU LONGOS DIAS
D. BARBARA DE ALENCAR
VICTIMA EM 1817
DA TYRANNIA
DO GOVERNADOR SAMPAIO

Figura 56

Engajamento Contínuo e Exílio

Em 1824, apoiou a Confederação do Equador, movimento republicano contra D. Pedro I, auxiliando financeiramente o levante liderado por seu filho Tristão Gonçalves. Com o fracasso da revolta e o assassinato de Tristão, Carlos (outro filho) e seu irmão Leonel, refugiou-se em uma fazenda no Piauí. Ali, morreu em 28 de agosto de 1832, aos 72 anos, sem ver consolidada a república que sonhara.



Figura 57

LEGADO ALÉM DAS REVOLUÇÕES

Mais que uma revolucionária, Bárbara personifica a resistência contra estereótipos de gênero. Mesmo com informações escassas sobre sua vida, sua história simboliza a importância de resgatar e preservar as contribuições de mulheres que, em condições adversas, moldaram a nação. Sua luta contra a difamação e a violência política de gênero reforça seu papel como inspiração para a construção de uma sociedade mais igualitária, destacando o lugar central das mulheres em processos de transformação social.

Preta Tia Simoa

De ex-escravizada a líder
da resistência contra a
escravidão no Ceará



Figura 58

Simoa: Resistência Negra no Ceará

Simoa Maria da Conceição, mulher negra liberta que viveu em Fortaleza no século XIX. Conhecida popularmente como “Preta Simoa” ou “Tia Simoa”, símbolo de resistência e solidariedade. Sua história, embora pouco documentada, é marcada pela liderança na Greve dos Jangadeiros (1881), movimento decisivo para a abolição da escravidão no Ceará em 1884 — tornando a província pioneira no Brasil, quatro anos antes da Lei Áurea.



Essa história é conhecida, mas esconde a personagem, a mulher fortalecida, que nos é a forte imagem, feminina a negritude, rica força de atitude, coroada com coragem (Arraes, 2014, p. 2).

A Greve dos Jangadeiros e o Combate ao Tráfico Negro

Entre 27 e 31 de janeiro de 1881, Simoa e seu marido, José Luís Napoleão, mobilizaram mais de 1.500 pessoas no porto da antiga Praia do Peixe (Fortaleza), paralisando o tráfico interprovincial de escravizados. Com habilidades de articulação, Simoa conquistou apoio de pescadores e jangadeiros, que enfrentaram repressão policial para manter a greve. Sua coragem desestabilizou o sistema escravocrata local, que dependia economicamente do comércio de pessoas.

Ceará: Entre o mito do branqueamento e a realidade negra

A narrativa de um “Ceará sem negros” foi construída por elites intelectuais do século XIX, que promoveram o apagamento da presença afrodescendente — mesmo com dados históricos comprovando que, em 1872, 1 em cada 20 habitantes era escravizado (cerca de 40 mil pessoas). Simoa é prova viva dessa resistência, desafiando o projeto de branqueamento que marginalizou líderes negros e apagou suas biografias.





Figura 59

Protagonismo Apagado: Gênero e Racismo na História Oficial

Apesar de seu papel central, o abolicionismo cearense é retratado como movimento masculino, branco e elitista. Apenas Dragão do Mar (Francisco José do Nascimento), líder da segunda fase da greve em 1881, é reconhecido como herói negro — enquanto Simoa, mulher negra, foi invisibilizada. Sua história expõe o racismo estrutural e a misoginia que silenciaram mulheres negras na construção da “Terra da Luz”.

Símbolo de Resistência Tripla

Preta Tia Simoa transcende o Ceará como ícone nacional da luta contra a escravidão, o racismo e a misoginia. Sua história, marcada por enfrentamentos violentos e estratégicos ao sistema escravocrata, desafia a naturalização da opressão no século XIX, tornando-se referência para a resistência negra e feminina no Brasil.



Figura 60

Lei nº 17.688/2021: Reparação Histórica

Em 28 de setembro de 2021, o Ceará sancionou a lei que institui o 25 de julho como “Dia da Preta Tia Simoa e da Mulher Negra”. A legislação também cria a “Semana Preta Tia Simoa” (primeira semana de agosto), dedicada a combater a discriminação racial e de gênero, reforçando seu legado como ferramenta de educação antirracista e empoderamento.

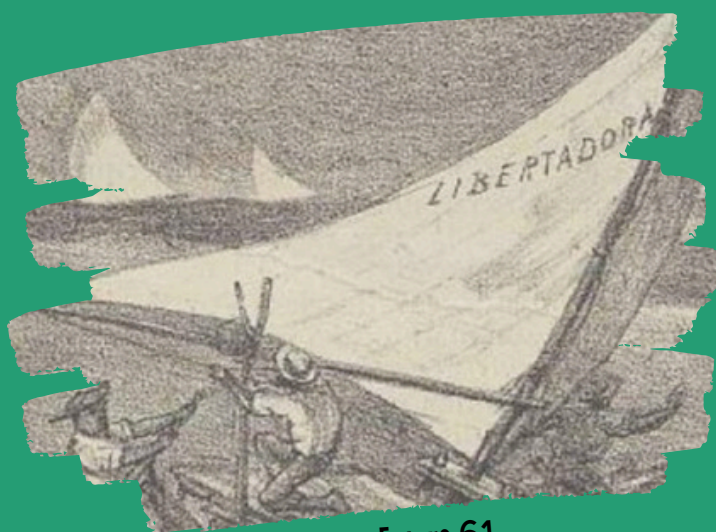


Figura 61

MEMÓRIA COMO ATO POLÍTICO

Em uma sociedade que apagou sua trajetória, celebrar Simoa é reconstruir narrativas. Resgatar sua história significa estabelecer um sentido de pertencimento a um grupo social historicamente invisibilizado, confrontando o apagamento promovido por elites brancas. Sua luta ilustra como mulheres negras construíram redes de resistência mesmo sob condições desumanizadoras, pavimentando caminhos para dignidade e respeito.

Maria da Penha

De sobrevivente da violência doméstica a símbolo nacional da luta pelo fim das violências contra as mulheres



Figura 62

Maria da Penha Maia Fernandes: Da Dor à Lei –

Uma Jornada de Resistência

Nascida em 1º de fevereiro de 1945, em Fortaleza (CE), Maria da Penha cresceu em uma família de classe média. Formou-se em Farmácia-Bioquímica pela Universidade Federal do Ceará (UFC) em 1966. Após um primeiro casamento fracassado, mudou-se para São Paulo, onde concluiu mestrado em Parasitologia na USP (1977). Em 1976, casou-se novamente com um colombiano e estudante de administração. O casal retornou a Fortaleza, onde a vida de Maria tomou um rumo trágico.

Ciclo de Violência e Sobrevivência

Após anos de um relacionamento aparentemente estável, Marco Antonio Heredia Viveros, seu então marido, iniciou um ciclo de agressões físicas e psicológicas contra Maria e suas três filhas. Em 28 de maio de 1983, enquanto dormia, ele atirou em suas costas, deixando-a paraplégica. Para encobrir o crime, inventou um falso assalto. Mesmo após a alta hospitalar, manteve Maria em cárcere privado e tentou eletrocutá-la durante um banho. Com apoio familiar, ela fugiu, denunciou o agressor e iniciou uma batalha judicial que duraria 19 anos.



Figura 63

Luta por Justiça e Falhas do Estado

- 1991: Seu agressor foi condenado a 15 anos de prisão, mas recorreu e permaneceu livre;
- 1996: Nova condenação (10 anos e 6 meses), sem cumprir pena;
- 1998: Com apoio do CEJIL e CLADEM, Maria denunciou o Brasil à Comissão Interamericana de Direitos Humanos (OEA), expondo a negligência estatal.

Lei Maria da Penha

(Lei nº 11.340/2006)

Sancionada em 7 de agosto de 2006, a lei revolucionou o combate à violência doméstica no Brasil estabelecendo:

- Medidas protetivas urgentes para vítimas;
- Aumento de penas para agressores;
- Políticas públicas de prevenção e acolhimento;
- A lei não só pune, mas reconhece a violência de gênero como estrutural, fruto do machismo enraizado.



Figura 64

“

A VIDA
COMEÇA
QUANDO A
VIOLÊNCIA
ACABA

”



“

Durante todo aquele flagelo, eu não podia deixar de lembrar de tantas mulheres que sofrem violências no âmbito familiar, e mais, as que perderam suas vidas, vítimas desse tipo de violência. Eu sabia que não estava sozinha. Conhecia também uma violência praticada de forma quase invisível, que é o preconceito contra as mulheres, desrespeito que abre caminho para atos mais severos e graves contra nós. Apesar de nossas conquistas, mesmo não tendo as melhores oportunidades, ainda costumam dizer que somos inferiores, e isso continua a transparecer em comentários públicos, piadas, letras de músicas, filmes ou peças de publicidade (Fernandes. 2012, n.p.).

”

Legado e Ativismo Contínuo

- Instituto Maria da Penha (2009): Oferece apoio jurídico, psicológico e educacional a mulheres em situação de violência;
- Palestras e advocacy: Maria da Penha tornou-se voz global na defesa dos direitos das mulheres, destacando a importância da educação e da mobilização social.



Impacto no Ceará e no Brasil

Referência local, a história de Maria da Penha ecoa a realidade de milhares de cearenses em um estado com altos índices de violência de gênero. E foi capaz de iniciar uma mudança cultural, uma vez que a lei inspirou debates sobre patriarcado e impunidade, incentivando mulheres a romperem o silêncio.

Maria da Penha transformou dor em luta, tornando-se símbolo global de resistência. Sua trajetória ensina que justiça exige união entre legislação, educação e coragem coletiva. Seu nome não apenas batiza uma lei, mas ilumina o caminho para milhões de mulheres.

DEPOIMENTOS DAS ESTUDANTES

Fui apresentada ao feminismo, um movimento que eu tinha preconceito e poucas informações. Pude entender como o racismo se cruza com o gênero e também com classe social e afeta diretamente a vida das mulheres hoje em dia. E por fim, aprendi sobre quem eu sou e quem eu quero me tornar enquanto mulher empoderada.

M.K (2º ano da EEMTIMJCC)

A eletiva "Quebrando o tabu" foi uma disciplina curiosa e uma experiência nova pra mim, pois nunca tinha ouvido falar sobre esse tema na escola. Foi uma maravilha, pude conhecer mais sobre a violação dos Direitos Humanos das mulheres e a importância de respeitar o próximo, além de compreender como a discriminação e a violência podem afetar a vida de uma pessoa.

A.C (2º ano da EEMTIMJCC)

Estudamos sobre gênero, machismo, violência contra as mulheres, por isso gostei muito da eletiva. A disciplina de História nos faz perceber a importância desse conhecimento para que possamos combater e prevenir as diversas formas de violência.

L.P (2º ano da EEMTIMJCC)

Não tenho palavras para descrever o quanto essa eletiva foi benéfica não só para mim, como também para os meus sentimentos. Vários assuntos vistos me despertaram cada vez mais o interesse de prestar atenção nas aulas. Por conta da minha timidez não sou muito de participar dos debates, mas pude aprender a cada encontro coisas que eram desconhecidas pra mim.

D.B (2º ano da EEMTIMJCC)



LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - <https://images.app.goo.gl/JDbSktYrcUquPbe88>

Figura 2 - <https://images.app.goo.gl/oC4mqKXbk48s2P2C6>

Figura 3 - Cruz, Denise Aparecida Ribeiro da. O jogo não acabou: jogos de cartas e de tabuleiro para o estudo do feminismo no Brasil (XIX-XXI). - Mestrado (Dissertação) - Universidade Federal do Paraná, Setor de Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Mestrado Profissional em Ensino de História. - Curitiba, 2022.

Figura 4 - Facas Gráficas, Fast Food da Política - Molho Especial.

Figura 5 - Manual de Jogos. Fast Food da Política - Molho Especial.

Figura 6 - Facas Gráficas, Fast Food da Política - Molho Especial.

Figura 7 - <https://images.app.goo.gl/tER5179DwBaHJrG26>

Figura 8 - <https://images.app.goo.gl/3rQ8tL2T4jRMWR948>

Figura 9 - <https://images.app.goo.gl/wrbyVZ91e3DoUEWA9>

Figura 10 - <https://images.app.goo.gl/de8RqPtnwvYKrYxMA>

Figura 11 - <https://images.app.goo.gl/f5hYdnKrjobkR9K48>

Figura 12 - <https://images.app.goo.gl/GvTitScJ8P5TL4fV8>

Figura 13 - <https://images.app.goo.gl/rGLwLXS1P7NoHbd89>

Figura 14 - <https://images.app.goo.gl/KJsWxwDAqdFaSXcm6>

Figura 15 - <https://images.app.goo.gl/YwydR7VWorn7ACNw9>

Figura 16 - <https://images.app.goo.gl/bgEaeQzHRiPBT3df9>

Figura 17 - <https://images.app.goo.gl/MJhCwXrhWFgvt2wn8>

Figura 18 - <https://images.app.goo.gl/oHoSsGmsacwVYaTd7>

Figura 19 - <https://images.app.goo.gl/9vYWL7YcQNGCykhUA>

Figura 20 - <https://images.app.goo.gl/DJD3iFCPJbATZxMi6>

Figura 21 - <https://images.app.goo.gl/L7KndPUaprU2St5t7>

Figura 22 - <https://images.app.goo.gl/m8WLvxu5sfXoA4j58>

Figura 23 - <https://images.app.goo.gl/wVA7PyBCha7Zt2pT9>

Figura 24 - <https://images.app.goo.gl/dEessU1wiqWwQZod6>

Figura 25 - <https://images.app.goo.gl/uqWHFr3pwG6CfhRUA>

Figura 26 - <https://images.app.goo.gl/rgio9nLAeitMQCAf9>

Figura 27 - <https://images.app.goo.gl/LomqUK7QFSGyEUmJ7>

Figura 28 - <https://images.app.goo.gl/9xKfzMp7D5yL3hAL8>

Figura 29 - <https://images.app.goo.gl/beLB3GH7a88Jx7ue6>

Figura 30 - <https://images.app.goo.gl/tfeeuZDgBS24E7is8>

Figura 31 - <https://images.app.goo.gl/Db3ZvDnAh7v27gG78>

Figura 32 - <https://images.app.goo.gl/t7HAWbbgAi78vuvt5>

Figura 33 - <https://images.app.goo.gl/FSWxJfsiDogmRMME8>

Figura 34 - <https://images.app.goo.gl/BvTtScQ8UfmQYoes8>

Figura 35 - <https://images.app.goo.gl/aV9McvPqDgXdRix7>

Figura 36 - <https://images.app.goo.gl/QgWzeqMvoFz8a9MM6>

Figura 37 - <https://images.app.goo.gl/sdHdH9AfaqtaPUaH8>

Figura 38 - <https://images.app.goo.gl/gE3FQ9BvZEMgjTMZ8>

Figura 39 - <https://images.app.goo.gl/BzHEEPBokqrjvFQx7>

Figura 40 - <https://images.app.goo.gl/jZjucKjGXBD4nG7z6>

Figura 41 - <https://images.app.goo.gl/1my9A6n56te823op7>

Figura 42 - <https://images.app.goo.gl/Xr6PWPqKezuHMbbu9>

Figura 43 - <https://images.app.goo.gl/u11WCZvYA5jlgoHh6>

Figura 44 - <https://images.app.goo.gl/3ZnS7UEZhBBcaVnS8>

Figura 45 - <https://images.app.goo.gl/45eu8983zAPKk4F17>

Figura 46 - <https://images.app.goo.gl/iGnAFgjL5Bouf9Vr7>

Figura 47 - <https://images.app.goo.gl/sRFKkKwQF5m8RRRc6>

Figura 48 - <https://images.app.goo.gl/s2Z12HaRwswP4trV9>

Figura 49 - <https://images.app.goo.gl/68nMVG3dT3hv8o6g8>

Figura 50 - <https://images.app.goo.gl/shZ1iNny2St8msUp7>

Figura 51 - <https://images.app.goo.gl/53cm9jrvp5EUTh2fA>

Figura 52 - <https://images.app.goo.gl/NFD4GX83qNHuUjdv6>

Figura 53 - <https://images.app.goo.gl/BeSMsyxEQV9A683M7>

Figura 54 - <https://images.app.goo.gl/j3XsdfNUsiowz8268>

Figura 55 - <https://images.app.goo.gl/NC1f6mnDnnBuwkCf7>

Figura 56 - <https://images.app.goo.gl/TahoXhKRpV6CDFoaA>

Figura 57 - <https://images.app.goo.gl/EQ51w9YSAgmmFVDM8>

Figura 58 - <https://images.app.goo.gl/sxBbFjjCcvFTKKhn6>

Figura 59 - <https://images.app.goo.gl/9JFiCzMt3nBxV8CF9>

Figura 60 - <https://images.app.goo.gl/qduGApXmVrTHQhGXA>

Figura 61 - <https://images.app.goo.gl/gRhmx4yABjEUMD6E9>

Figura 62 - <https://images.app.goo.gl/AfSMGqgWgdPf1c33A>

Figura 63 - <https://images.app.goo.gl/mSJ5J1T76qPGUwfl9>

Figura 64 - <https://images.app.goo.gl/S6KAa5GWP3zUbXdy8>



SOBRE A AUTORA

SÂMYA MARINHO

Historiadora e feminista, Sâmya transforma salas de aula em laboratórios de pesquisas e espaços de resistência, resgatando vozes de mulheres apagadas pela história. Este manual é uma homenagem a todas que enfrentaram violências e silêncios — de Bárbara de Alencar, Preta Tia Simoa a Maria da Penha, de Dandara a Yanny Brena — e um tributo às alunas, mães, avós, irmãs, amigas e colegas que tecem diariamente lutas por dignidade. Nas páginas, Sâmya oferece ferramentas para desconstruir narrativas opressoras, inspirada na escuta e na certeza de que empoderar-se é uma jornada coletiva. Nesse sentido, homens são convidados a desaprender privilégios e somar forças por igualdade.

Mais que um manual, é um chamado à ação: que educadores(as) reescrevam histórias com justiça, fazendo do Ceará — terra de luz e resistência — um lugar onde a educação não só conte o passado das mulheres, mas liberte seu futuro.

Que todas as vozes ecoem em coro, rompendo amarras do silêncio, para que nenhuma mulher precise esconder sua luz — ou calar sua verdade — para ser ouvida.

